

**AS
TRÊS
FACES
DA
RAIVA**



AVL

Coletânea AVL

As três faces da Raiva

1ª edição



Percorre cada célula...

© 2022 by Academia Valparaense de Letras – AVL

© 2022 by AColibri

Todos os direitos desta edição
reservados à AVL / AColibri

IDEALIZAÇÃO

Sissa Santos

ILUSTRAÇÃO

Décio de Souza Bernardo (Décio Art's)

CAPA

Fagner Souza

FOTO DOS AUTORES

Arquivos Pessoais

DIAGRAMAÇÃO, REVISÃO E CURADORIA

Drielly Neres Lúcio

Grafia atualizada segundo o Novo
Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha Catalográfica feita pela Academia de Letras

Letras, Academia Valparaense de
As três faces da raiva/AVL. - - 1. ed. - -
Valparaíso de Goiás, GO: AColibri, 2022.

ISBN 978-65-995439-1-3

1. Literatura Brasileira. 2. Manifesto
I. Coletânea

45-97865

CDD – 439.13

Registro de próprio punho



Oi, tem (alguém aí) alguma raiva aí?

Saudações, Caro Leitor!

O nosso papo de hoje é sobre a raiva. Não aquela raiva definida em dicionário como “acesso de fúria, cólera, ira”; de modo genérico, mas uma raiva substancial que tem encontro marcado conosco já nos nossos primeiros anos de vida e vai crescendo, contornando a nossa personalidade e moldando o nosso caráter.

Ela nos vem sorrateiramente e dá as cartas do jogo em tudo o que propõe cartadas finais na nossa evolução humana. Ela nos blinda de sermos covardes diante de imposições necessárias, mas também nos denuncia quando nos revela em algo guardado que, muitas das vezes, nem sabemos que existe dentro de nós.

Esse é o grande jogo que ela propõe: sermos extremos em atitudes que envolvem o bem e o mal ou acharmos o equilíbrio para torná-la vulnerável às nossas próprias decisões. Quando definimos quem somos de fato no contexto da sociedade, também

Percorre cada célula...

nos permitimos sentimentos que nos definem enquanto pessoa que se relaciona com o mundo, e esse relacionamento nos desperta diversas emoções de amor e ódio, de prazer e repúdio, de pacificação e rebeldia.

Somos seres antagônicos, e é nas entrelinhas dessa bipolaridade involuntária que ela vem, a Raiva. Raiva de Nós, Raiva do Outro, Raiva do Mundo. Raiva que nos faz querer protestar ou de não ter voz suficiente que alcance a projeção daquilo que nos desperta a ira.

Somos implacáveis ou impotentes, agimos distintamente, porque somos singulares e vivemos emoções diferentes que se projetam conforme nossas relações com o outro e com o medo. A minha raiva divaga nesse universo de fúria e apatia, dependendo das conspirações do destino.

Às vezes, ela se esconde no corredor escuro do medo, com olhar de alerta, ou vagueia pela indiferença; outras vezes, explode e grita pelos quatro cantos sobre o que incomoda, corrói e revolta.

Os textos a seguir imprimem medos, apatias, revoltas, sensações e emoções à flor da pele. Sentimentos que, talvez, sejam meus de fato ou

Percorre cada célula...

daqueles que a escrita nos empresta para serem os personagens da nossa imaginação que nos aproxima de uma realidade reveladora ou nos presenteia com os sobressaltos da fantasia.

Seguiremos por uma prosa dividida em três tipos de Revolta e, em cada uma delas, presenciaremos a Raiva de Nós que se projeta no Outro e no Mundo, e protestaremos juntos, caso essa Raiva também seja despertada em você.

Os textos serão apresentados sobre as **insígnias codificadas**, que ao final do livro, se perspicaz for, **raivoso** leitor, poderá decodificar o autor. Na verdade, isso é só para te fazer passar raiva mesmo; dar trabalho sabe? Afinal, somos apenas **números, códigos** e isso também me dá **raiva!** (1.D.N.L / 10.J.J.L.S)



A RAIVA DE MIM

Guardar raiva é como
segurar um carvão em
brasa com a intenção
de atirá-lo em alguém;
é você que se queima.
B.U.D.A

Eu sou impotente - Do Latim rabia, de rabies, “loucura, fúria, delírio”

São duas e vinte e cinco da tarde. Hoje é dia dois de março de dois mil e vinte e um. Sinto fúria. Afinal, enviei três relatórios. Afinal, a conta bancária me informou o saldo de três reais e trinta e um centavos que deverão durar até o dia trinta e um de março. Seria o óbvio: sentir raiva.

Não gosto de rotina. Odeio digitar até a tendinite vir e dizer “oi, linda”. Não gosto do meu carro. Tenho raiva dele. Não gosto da minha pele. Tenho raiva dela. Raiva de não ter largado tudo lá atrás pra ir morar na praia. Viver de arte! Olha só... Um sambinha, um camarão, uma cerva gelada. Talvez eu vire dona de pousada em Antunes.

Mas, eu só estou aqui gastando seu tempo, leitor. A minha maior raiva nem é essa aí de cima. Poderia até ser, mas tem algo maior, muito maior. Quero te causar fúria, para depois causar remorso por ter sentido raiva de mim.

Essa raiva é mais melancólica. Ela dói tanto, tanto. Ela começa três dias antes da morte definitiva; da morte traiçoeira, sem coração, insensata.

Nove de dezembro de dois mil e treze. Era apenas uma visita informal. Eu comprei aquele bolinho de bacalhau que ela amava. Ela quase não comeu. Estava apática, amarela. Disse que iria ao hospital. Então, eu prontamente me disponibilizei para levá-la. Ela recolheu os documentos, pegou algumas moedas e colocou em sua bolsinha preta de zíper. Caminhou vagarosamente, lentamente, os mais ou menos cento e cinquenta metros até a porta do carro. Escorou na porta entreaberta, olhou de relance para dentro do lote e disse: *“Estou indo, mas queria ficar mais um pouco”*. Eu era muito apressada. Tenho raiva disso também. Não permiti a contemplação do pé de manga ou do pé de abacate. Ou, o último sonoro latido dos cães. Eu interrompi seu vislumbre de vida e disse: *“Vamos!”*

Chegamos, fizemos a ficha. E, como sempre, fiz barraco porque o atendimento demorou. Tenho raiva disso também. Apesar de que, deu certo! Ela foi atendida devido à pressão arterial estar bastante alterada e também o nível de oxigenação quase nulo.

Eu precisava sair para resolver coisas da formatura dos meus alunos. Tenho raiva disso também. Então, deixei-a com a minha prima e liguei esbaforida para que minha tia saísse do trabalho mais cedo e pudesse acompanhá-la. Era como se eu sentisse que o fim da história não seria romântico. Eu tenho raiva disso também. Ela ficou internada.

A rotina do mês de dezembro, sempre tão corrida nas escolas foi impiedosa. Tão implacável que consegui ir lá apenas mais uma vez, antes do dia fatal, antes do dia que mesmo ensaboando, não sai da minha pele.

Encontrei minha mãe, já exausta e preocupada. Levei um lanche e sugeri que ela comesse lá embaixo, para que eu ficasse um pouco a só com ela. Não tinha muito diálogo com a minha mãe. Tenho raiva disso também.

Ela estava paralisada. Não ouvia, não se mexia. Respirava com a ajuda de aparelhos. Suas mãos estavam geladas, imóveis. O seu sorriso não aparecia. As luzes do corredor falhavam. As pessoas falavam muito alto. Jalecos brancos andando para cima e para baixo. Eu falei baixinho ao seu ouvido: “se me escuta, mexe qualquer parte do corpo”. E,

nada se movia. Tentei falar então mais alto, quando fui interrompida pelas lágrimas que corriam feito rio desgovernado. Eu tentei falar mais alto ainda, quando enfim percebi que as coisas não estavam nada bem. Eu tentei falar mais alto, mas fui tomada por um silêncio que ensurdece. Eu tentei falar...

“Eu te amo muito”. Eu disse isso em tom de despedida. Tratei de limpar as lágrimas, pois minha mãe havia voltado. Eu não choro em público. Evito chorar, na verdade. Eu tenho raiva disso também.

Fui para casa, dirigindo engasgada. Ainda precisava finalizar a rotina exaustiva nas salas de uma faculdade. A minha turma de Gramática II me aguardava para mais uma aula animada, como de costume. Mas, dessa vez não consegui. Cheguei a casa petrificada. Petrificada dormi. Fui acordada num súbito, às quatro da manhã. Uma espécie de euforia, boca seca, dor de barriga, vômito. Enquanto tomava banho, percebi que acariciei e lavei os cabelos por mais de uma hora. Vesti a roupa para ir ao trabalho e sentei-me no sofá para esperar o horário de sair.

Percebi então que o portão se abria. Era o meu pai. Estranhei o horário. Estranhei mais ainda quando ele disse que precisaríamos ir ao hospital porque

minha avó tinha tido uma piora no seu estado. Não hesitei em afirmar: “Ela morreu”! Deve haver uma conexão entre céus e terra. Deve haver! Eu já sabia... Naquele momento, odiei viver, odiei Deus, odiei meu pai pela notícia, me odiei. Eu tenho raiva disso também.

As pernas falharam. Tudo falhou. Eu gritei. Eu chorei na frente do meu pai. Eu tenho raiva disso também. Eu vomitei mais uma vez. Acordei com os berros de choro a minha irmã e o meu primo. Eles também choraram. Nós nos abraçamos em desarmonia. Tudo falhou. Eu falhei. Eu tenho raiva disso também.

Eu poderia ter salvado ela. Eu poderia ter estado com ela todo o tempo. Eu não evitei que o calendário chegasse ao tal doze do doze de dois mil e treze. Eu tenho raiva disso também.

Eu não ganhei mais o abraço dela. Eu ganhei um abraço da minha mãe, como nunca tínhamos dado antes. Eu ganhei um abraço da minha tia. Eu perdi a vida ali naquele instante. Eu tenho raiva disso também.

Ainda dói. Todos os dias. Eu tenho raiva disso também.

Percorre cada célula...

A minha raiva é de não ter podido te dar a minha vida. Inventar outra vida pra você. Você que não teve muitos motivos para sorrir durante a sua existência. Você que não sorriu como merecia. Mas, me fez sorrir como ninguém. Tive raiva de não ser Deus. No meu plano de criação, você jamais morreria. Alguém como você jamais poderia morrer.

Como disse a minha-nossa Lispector, “a raiva é a minha revolta mais profunda. A raiva é a minha revolta mais profunda de ser gente? Ser gente me cansa. Há dias que vivo da raiva de viver”. Há dias que eu vivo da raiva de viver sem você, vovó. Inevitável não escutar agora *Stop Crying Your Heart Out...*

1.D.N.L

Raízes da fúria

Sabedora, pelos princípios religiosos que sigo, que a ira que habita toda fêmea pode ser absurdamente maligna, vejo-me na eterna vigilância de rogar ao próximo as pragas que me vêm a boca de imediato. A ira que habita em mim, de certa forma, é contraditória. Por muitas vezes submissa às vontades familiares de uma rígida educação interiorana, criada e educada por 12 anos de minha vida em um convento em minha terra natal, hoje vejo que, antes não possuía a força e determinação para irar-me contra todo bullying sofrido, toda chacota, toda idiotia, excessiva obediência...

A palavra não dita, os desaforos engolidos, o pranto entrecortado. Iras do passado. Ira de uma menina, moça e quase mulher, que para poder gritar, teve de subjugar--se a tantos, a todos, a tudo. Hoje a ira que explode em mim é das idiotas opiniões que me cercam, das pessoas nocivamente dominadas pelo medo e pela insegurança de amores fúteis, a ira pelo desnecessário. Hoje, depois de tantas labutas e de ter aparadas as arestas de meu caráter a duras penas, me revolta a futilidade de todos que possuem a beleza carnal que não tive na juventude, pois fugia ao padrão de beleza, me irrita as palavras sem consistência, as cantadas baratas, as conversas sem nenhum propósito. Infelizmente a ira em mim ainda

Percorre cada célula...

precisa calar-se, pois não nego o desejo de punir aquele que não ouve os conselhos de quem já trilhou caminhos de dores e agonias. Mas, de todas as iras que explode em minha alma, aquela que me torna inútil é a que mais me mutila. Não poder mudar tudo que fere, tudo que ofende, tudo que sangra e destrói e que habita dentro de cada ser.

3.S.F



O Problema sou eu?

Voltei a um lugar que há muito tempo eu tinha deixado pra trás. Percebi que tinha voltado a pensar que talvez, e somente talvez, a morte seria o fim de tudo e com ela também o findar de todos os meus problemas. Enquanto o cão negro se aproxima e me olha nos olhos, eu tento me afastar pra não acabar preso nele e nem pra terminar cansado, precisando carregá-lo pra cá e pra lá. Eu vou me lembrando de quando tudo começou. Eu era ainda jovem e não via mais sentido em nada. Eu não importava em calibrar o volume de bebida e o afogamento de minhas angústias era somente um mero detalhe da juventude. Quando sóbrio ou mesmo não tanto dentro de meus pensamentos em linha reta, era exposto a doses cavalaes de Nietzsche e Schopenhauer, além de contar com uma trilha sonora de Joy Division, The Cure, Bauhaus e, para constar a beleza da contradição, bastante Nirvana também.

Eram os ingredientes certos para um desastre postos à mesa e não demorava muito para o tédio absoluto ganhar espaço e a vontade de dormir crescer e crescer mais e mais. Acontece que algo de luminoso também nascia ali. O tédio parecia diminuir dia após dia e a curiosidade pela arte, pela música e principalmente pela filosofia ia dando força pra seguir caminhando. Eu nem posso dizer que era força, era mais ganhar tempo, sabe? Eu não tenho interesse

em morrer até terminar meu próximo livro. Assim o tempo foi passando e as pessoas foram ficando mais e mais interessantes. Ou não.

Também era aquele momento em que as pessoas começam a nos deixar e as decepções vão se somando pouco a pouco e a gente fica sozinho no quarto pensando em desistir. Às vezes eu até desistia. Mas o sol voltava e voltava pra me incomodar. Insistente. E eu na minha angústia adolescente sofria pela falta de cada olhar e de cada palavra. Deixava escapar toda oportunidade também e ficava remoendo por dentro depois de cada uma delas. A palavra não dita é hoje o maior dos meus demônios. Obviamente ainda permanece, pois ainda hoje eu me engasguei com palavras engolidas num susto. E me deparando com meus medos de menino, percebi que voltei pro mesmo lugar.

Neste lugar eu não tenho a nostalgia da infância e nem desejo voltar à aurora dos meus dias. Tenho medo de errar tudo de novo e prefiro me privar da dor. Era um momento em que tudo faltava e essa ausência trazia a raiva pra bem perto de mim. Eu e meus irmãos desejávamos derrubar o Estado e mudar a ordem do mundo e eu só anos depois percebi que ali estava a sementinha da luta de classes. Mas nem existia paciência pra política e só a expressão pelo *Hard Core* sujo e *Underground* era nosso caminho. Era o grito e os três acordes, mais por ignorância do que por estilo. Assim por alguns momentos eu me sentia vivo.

As discussões de horas e horas sobre políticos e o Estado foram tomando cada vez mais espaço na nossa rotina. Os livros com assuntos que antes nós odiávamos, agora eram revezados para uma leitura que formasse uma base. Mas era uma base com objetivo claro de tudo criticar. Tudo e todos. Era a base pra não cair em armadilhas. Direita e Esquerda eram conceitos pequenos perto de tudo o que a gente desejava ali. Não me importava sentar em um lado ou outro na corte francesa perto de nossas angústias juvenis. Acontece que eu não sei em que momento exato tudo mudou. Surgiu a necessidade de bandeiras e os extremos apareceram até dos lugares mais improváveis.

Eu, nem por um segundo, imaginei que alguns que estavam do meu lado, tempos depois estariam comemorando a data de início da ditadura militar. Minha vontade era só sacanear essas pessoas, porque vi que estavam também dizendo que não havia evidência clara sobre a Terra ser ou não ser plana. Eu fiquei achando que era uma piada, mas depois comecei a rir diferente. Nervoso. Preocupado. O mundo não me parecia um lugar mais tão amigável. Também não parecia tão obscuro como hoje. Parece que se eu morrer vou apenas me livrar de um problema. Vou sair do mundo, pois este é uma piada de muito mau gosto.

Essa vontade de morrer era mais e mais clara, quando eu pensava não ser capaz de matar ninguém. Não ia matar nem mesmo os malditos que

levaram meus amigos pra longe de mim. A lavagem em seus cérebros é muito clara pra mim, mas não é motivo dar fim a nenhuma criatura. Cada um é responsável por se deixar levar. Eu aqui sorria do Pequeno Príncipe, responsável por tudo que cativa, pelo imbecil que elege e pela morte de muita gente. Eu ficava pensando se ele era só muito burro ou mau caráter. E por amar meus amigos e por sofrer pela distância que precisava manter de cada um deles, isso machucava mais e mais em mim. Eu queria até minha família do jeito que era. Eu sempre gostei mais de brigar por gosto musical do que se existe ou não uma seita internacional responsável por todos os males do universo e combatida por racistas confessos.

Sentado no parapeito eu vejo os policiais e bombeiros gritando por mim. Dizem estar preocupados com minha vida. Eu, olhando pra eles impassível, fico com a pergunta na cabeça: em quem cada um daqui votou mesmo? A minha raiva é ter deixado tudo acontecer. Sinto como se tivesse estudado pouco. Ou como se tivesse estudado demais. Afastei-me de meus irmãos e não posso reclamar agora que não os conheço mais. Soltei um espirro daqueles que doem nos ossos. Apertei minha cabeça com força e gritei. Não sei se me joguei ou se realmente caí.

8.A.B

Eu & Você

Eu era ainda uma criança e tinha um caderninho que deixava escondido, com letras garranchadas e desenhos imprecisos, onde tecia um mundo de fantasias só meu. Seria uma vergonha se alguém o encontrasse. Mamãe o achou. Como quem não quisesse nada, dizia: "nossa... achei umas coisas tão bonitas em um caderno seu". Eu quis morrer. Havia listas, e mamãe comentava justamente uma delas, a lista de sonhos. Mas também havia a lista dos amigos imaginários. Uma soma de vergonhas, os sonhos jamais realizados, e os amigos que jamais existiram.

Eu passei muito tempo sozinho, falando sozinho e vivendo em um mundo paralelo. Por se vestir de sonhos, a realidade era áspera demais. Um desajuste total: eu estranho no mundo e o mundo estranho a mim. Desigual. Indesejável por não saber me dobrar à vontade do mundo real e desolado por não dobrar o mundo à minha vontade. Mas o tempo passa, aos poucos vou me ajustando, mas às vezes é tão difícil entender as

coisas como elas são, as pessoas... Eu aprendi a ter cada vez mais raiva de mim e cada vez menos raiva das pessoas, porque no fim das contas, a culpa não era de ninguém, senão minha. Uma pausa... Respira.

Eu não queria escrever sobre isso agora. Eu não queria escrever sobre isso nunca! Pausa... Respira. Tu bem, vai... Chora. Eu estou detestando o fazer da escrita. No fim das contas, a gente nunca sabe o que dizer, já adiei demais essas palavras que agora escorregam dos dedos, desajeitadas, tímidas e envergonhadas. Caem como tijolos sobre as teclas. No fim das contas, a gente nunca está pronto e nunca sabe reagir. A raiva. A raiva destrutiva.

Pausa...

Eu não soube lidar com a vida. Já não era criança, já não podia viver no mundo das ilusões, escondido. Tampouco a poesia e os sonhos me bastavam. Aos poucos, eu fui aprendendo, mas o processo é doloroso. Eu gritei. Eu machuquei pessoas. Eu me vi sozinho. Esse é um bom resumo da minha vida. O amor era ainda um

sonho, uma ilusão. Não sei quando exatamente perdi a virtude de amar quem não há.

Pausa...

O amor chegou deveras. Durou dois meses. Acabou. O amor eterno durou dois meses. Ele soube seguir seu caminho, mas eu não. Segui amando seu fantasma e, de mãos dadas com seu ectoplasma, seguia.

Você chegou. Eu te engoli para dentro do abismo. O fantasma do meu amor falecido já era gigante e permeava o mundo; eu mal enxergava o turvo das coisas através de si. Era a minha deidade, o elevei ao nível de uma divindade e paguei mil penitências. Ofereci-te essa dor tamanha para sangrar comigo e te vi chorar, fiz-te sangrar e a culpa era toda sua. Eram então seus os meus medos, mas nenhum de nós sabia lidar com eles.

Raiva. O mundo era adverso a mim, aos meus sonhos e vontades. O mundo não trazia o meu amor falecido de volta nem retirava de mim a dor da perda. Trauma.

Sessenta e dois comprimidos.

Eu fiz você pensar que a culpa era sua.

Percorre cada célula...

Você estava lá depois, buscando um balde para eu vomitar dentro dele e demonstrando uma calma de monge.

Mas sob as sombras do abismo não havia somente caos. Eu ainda sabia inventar sonhos e lirismos e você também sabia sonhar. Criamos nosso mundo fantástico. Sabíamos a cor da pequena casa que jamais construímos senão de tijolos feitos de nuvens. Era uma casa verde, um pé de limão no jardim e tivemos dois filhos, filhos dos sonhos, hoje fantasmas órfãos. Tudo muito bonito e poético.

Eu comecei a acreditar que éramos eternos e, por te dizer essas coisas, você também acreditava assim e, quando você se foi, eu sofri, mas você sempre voltava, o que me fazia acreditar que sim, éramos de fato eternos e que, mesmo que você se fosse de vez, nossas almas se encontrariam em outro plano e eu falava de estrelas, mas...

Pausa.

Você deixou de vir. Eu tive então que lidar com o meu trauma sozinho, assim ele logo cessou, pois eu já não projetava sobre você as

minhas culpas nem exigia de si a cura. Depois eu tive que lidar com o seu adeus e pensava que, se você voltasse, eu seria muito melhor, pois já não levava comigo aquela dor, já não sentia tanta raiva... Mas você deixou de vir. Eu tive de me perdoar por tudo o que fiz. Eu tive de te perdoar por ter me deixado de vez. Então eu me sentia grato. Eu bloqueei toda a minha raiva e meu potencial destrutivo para não ferir mais ninguém nem ter de dizer adeus de novo, mas eu disse outras e mais vezes... Adeus. E você deixou de vir.

Eu bloqueei a raiva, mas ela ainda existe. Em algum lugar dentro de mim, ela ainda existe, incômoda, perturbando os meus sonhos, um personagem inconsciente galopando por entre os monumentos da memória. Não sei por qual poro ela escolherá ser drenada, mas que expurgue resignada, como música, choro, grito; mas que traga alívio. Que já não seja a raiva destrutiva, mas que destrua as minhas dores e que venham as ervas daninhas, logo os arbustos, logo árvores, então frutos e raízes milhares desfazendo os monumentos da memória. **9.D.C**

A raiva de mim

Agora escrevo sobre a raiva dentro de mim, a raiva cotidiana. Pequenos vulcões prontos a entrarem em erupção. Antoine de Saint-Exupéry nos ensinou que os vulcões precisam ser revolvidos para não explodirem. O melhor que pude tirar deles foi essa poesia:

Agora faço um texto indigesto
É porque fui obrigado a escrever protesto
Também tenho que reclamar
Eu vou dar uma arbitrada
Talvez saia deteriorada
É preciso salientar.
Porque eu sou como o dono do bar
Posso ter opinião política e xingar
Se fosse juiz eu não sairia dos autos
Mas eu estou livre mesmo que trancado em um quarto.
De cueca na cama eu ligo a TV e pesquiso na Internet as notícias.
A gente só come ovo.
O presidente é ímprobo
O COVID-19 mata diz a Globo
Vacina obrigatória só no faísca

Percorre cada célula...

O problema é meu se eu virar jacaré
O Brasil anda pra frente na beira do abismo,
Preservar a vida é absenteísmo.
Somos um país de maricas.
Dois problemas se amalgamam
O terraplanismo e a prestação que vai vencer
Tomo um vinho Pérgola, que na foto no insta, com o
rótulo escondido parece um Alta vista.
Em uma Live um chato canta:
E aí, qual vai ser?
Agora tu vai ter que escolher
Ou eu ou a cachaça.
Tenho livros sem estante
Porque minha mulher não gosta de ler e diz que o
livro nada diz de importante
E a vizinha bate à porta
Espalhando fofocas, agora fake News.
E não adianta correr
Elas estão no whatsapp, na Internet e na TV.
óleo consagrado cura corona vírus.
Assim como suco de inhame e alho cru.
Questão de saúde pública.
Isso não é uma atitude bíblica.
Linchamento de inocentes
Preconceito, homofobia, xenofobia.
São culpados, pois são diferentes
A legitimação da violência.
Com a condescendência da presidência.
E as perguntas perderam a mística
Quem eu sou? Da onde venho? Tenho salvação?

Percorre cada célula...

Foram substituídas por perguntas domésticas.
Como lavar as mãos?
A procedência da vacina, ela veio da China?
Vê o lado bom das coisas parece asneira
Eu estou aqui pra me queixar.
Mas sou um trovador, faço poesia apesar de satírica.
Com tudo caro, o transporte e a gasolina então
comecei a caminhar
Cansado pude ver o Sol se pôr. Agora mais que
nunca esse ocaso tem cheiro e sabor.

2.M.D

A raiva de mim...

Acabei de chegar da terapia. Tem alguns meses que resolvi pegar firme, porque o TOC estava me consumindo, perturbando a minha paz espiritual e exaurindo toda a minha força física. Daqui a pouco, falaremos sobre ele, o TOC, mas, antes, eu quero me apresentar para vocês. Eu me chamo Stéfano [me pego com um sorriso no canto de boca, enquanto dedilho o pensamento para escrever o que já pesquisei sobre esse nome], variante, em italiano, do nome Estevão, de origem grega, proveniente do nome grego Stéphanos, que significa “o coroado”, “perfeito” e “vitorioso”.

Dentre as outras variantes, algo interessante: o nome Etienne aparece como variante francesa e se desprende totalmente de todas as variantes encontradas; o radical e a sonoridade da palavra mudam consideravelmente, mas o significado é o mesmo “perfeito e vitorioso”. É aí que começam os questionamentos. Será que tudo começa pelo nosso nome? Pelo significado que carrega no contexto das vidas passadas? Comentei isso hoje com a minha terapeuta, ela sorriu e disse não acreditar muito

nesse lance de Onomástica, mas admitiu que fazia algum sentido o meu estudo. Vamos ao TOC e depois retomamos a pesquisa do nome.

O Transtorno Obsessivo-Compulsivo é uma doença caracterizada por pensamentos excessivos e medos irracionais (obsessões) que levam a comportamentos repetitivos (compulsões). O tratamento pode ajudar, mas essa doença não tem cura. Eu quis deixar registrado o que é exatamente o TOC para ilustrar bem a nossa conversa e até reavivar a minha memória quanto ao conceito exato daquilo que me acomete em todos os instantes do meu dia. Inclusive no fato de deixar tudo “bem explicadinho no texto”.

Tracei dois paralelos entre o TOC e a pesquisa do nome. Primeiro, a relação que se tem do significado com o que carrego de obsessões e compulsões desenfreadas, acelerando e desacelerando a minha cabeça desde o primeiro momento do dia [uma pausa para limpar o teclado do notebook e aproveitei para limpar as manchas de dedo no vidro da mesa]. Ao verificar que o meu nome tem essa relação com o “Perfeito”, pude achar um sentido para o que mais me consome no TOC que é a obsessão pela perfeição, pelos detalhes e pelo

Percorre cada célula...

alinhamento, sempre no grau mais alto de excelência. O segundo paralelo é a relação com o nome Etienne, de variante francesa e categorizado como unissexo, com uma grande tendência para o uso no sexo feminino, pelo menos aqui no Brasil, talvez pela sonoridade do nome.

Quem sabe isso explica a minha sexualidade (assunto para outras páginas desse diário confesso). Não que eu tenha me tornado homossexual pela escolha do nome, mas é como se tudo fizesse sentido, sabe, quando busco explicações e as conexões com o universo. Daí, você me pergunta: Mas qual a sua raiva diante de tudo isso? Minha adorável terapeuta sempre me diz que “tenho as respostas para tudo, que sou muito consciente daquilo que sou, do que faço e, principalmente, do que devo fazer para tornar esse fardo mais leve e chegar ao tão sonhado equilíbrio das razões e emoções” [respiro fundo, travo a garganta para impedir que as lágrimas escorram no meu rosto, tomo um gole de água].

Aí está o X da questão! A minha cólera corrosiva é de não ter peito para encarar algo que me fere tanto, que me esgota e rouba a minha energia e a minha vitalidade. Tenho raiva de não poder

executar as minhas tarefas do dia sem essa sensação de esgotamento por buscar a tal perfeição que nunca chega. Tenho raiva e medo de não conseguir ser espontâneo, de não usufruir de uma leveza instintiva, de não poder fazer algo simplesmente por fazer, sem essa procura incessante de dar sentido a tudo, de ser perfeito em tudo.

Complicado falar sobre “Perfeição”. Sobre ela, a dona da excelência; a mestra na arte do mais alto nível numa escala de valores, há um jogo de encantamento e sedução, aliado ao TOC, e a luta contra eles se torna algo grande e sem expectativa de vitória, o que, agora, de certa forma, confunde-me. Stéfano não significa “vitorioso”? Penso que a perfeição é algo inatingível, por isso tudo o que está relacionado a ela depende do jeito que cada um vê o mundo e, nisso, está a diversidade que é incontável e sem definição específica.

Em querer ser perfeito, parece existir muita presunção. Talvez... Talvez de forma consciente ou involuntária. Tenho raiva disso também e protesto! Não consigo definir até que ponto há vaidade nesse jogo; arrogância; orgulho, porque a obsessão me cega e me tira a razão de agir conscientemente, seja

por atitudes de altivez ou de amor-próprio, seja por atos sublimes. Por isso, PROTESTO sobre a minha impotência diante do TOC!

10.J.J.L.S

Percorre cada célula...



Inevitável

E novamente eu olhava o celular. A mensagem enviada havia algumas horas ainda sem ser visualizada.

Voltei ao vídeo que mostrava uma mulher muito sorridente, demonstrando uma alegria exagerada, forçada. Ela dava explicações sobre como fazer sabonetes naturais. Isso geralmente me acalmava, mas hoje só aumentava minha raiva.

Não. Eu não sentia raiva dele, era de mim.

Uma lágrima quente se forçou pelo canto do olho, espremida, teimosa. Eu fingi que ela não estava ali. Abri o WhatsApp novamente. Um tracinho.

Ele tinha feito essas escolhas, não eu. Mas tudo isso me atingia com tamanha crueldade, que desestruturava minha vida inteira. Era meu filho. Meu primogênito. Enveredou-se pelo alcoolismo e pela escuridão das drogas.

No início me culpei. Toda mãe se culpa. Pune-se. Aí veio a primeira onda de depressão. Remédios.

Médicos. A primeira overdose. Dele. Dor... Impotência. Desespero.

A escolha de Sofia. Só quem já viu esse filme vai entender essa dor. Eu tenho quatro filhos. Precisei escolher entre ajudar o mais velho, perdido, marginal, fodido, ou proteger os outros três. Escolhi os três. E a insanidade me ameaçava o tempo todo. Eu estava sempre errada.

Aí, primeira internação. Respirei normalmente pela primeira vez em anos. E me permiti ter esperança. E então, a raiva começou.

A sobriedade dele condicionava a minha sanidade. Sóbrio, eu conseguia ver o meu filho. Tinha esperança. Respirava. Comia e até dormia. Recaída. Depressão. Apatia... E aí a raiva vinha.

Odiando-me por ter acreditado, irada por ter deixado. Raiva do choro cortante sufocado no chuveiro. Raiva de ser tão importante.

Sumia dias... Meses. Raiva.

Raiva de mim.

A comida não tinha gosto. Mas eu não tinha culpa... Raiva de sentir que podia ter. Eu sempre

Percorre cada célula...

acolhi. Raiva por acreditar nele. Não era raiva dele. Era de mim.

Procura em hospitais. Raivaaaaa!! Por me submeter a isso. Uma dor contida, latente. E se achasse? IML. (Eu gritava dentro de mim... "Para com isso!") Raiva de não me escutar.

Aparece. Alívio. Respira. (Até quando?) Raiva por me fazer essa pergunta. Raiva por não acreditar mais nele. Overdose. Desespero. Raiva! "Eu te disse!"

Raiva por tentar falar com alguém e permitir que as pessoas falassem...

"Mas pelo menos você tem outros filhos" (E você tem duas pernas, tudo bem perder uma) "Você já foi à igreja? Ao centro?" (E ao diabo que te carregue) "Mas você já internou" (ele ou eu?) "Obriga" (...) "Eu imagino sua dor" (mentira).

Que raiva! Então me calei. Guardei. "Aqui em Casa não quero!"

Tentativa de suicídio. Raiva. Eu podia ter ajudado... Eu podia ter ido buscar... Eu podia... Será? Raiva.

Percorre cada célula...

Internação. Respira. Dessa vez vai dar certo. Terapia. Medicação. Desintoxicação. (Começou a não querer fazer a terapia) Raiva. (Fingi que não tinha problema) Alta.

Trouxe para casa. Gritei minha frustração. Briguei por ele. Sobriedade = sanidade. Paz... Um ano. Pequena recaída. Raiva de mim. Raiva da minha fé. Raiva da esperança, de fingir que estava tudo bem. Nunca esteve. Nunca. Raiva de esconder os indícios. Voltou à noite.

Despejei minha frustração nele. Raiva de mim. Vai dar certo (me enganando, já tendo dado errado).

Olhei o celular... Um tracinho. Raiva.

Depois de uma semana ele está na minha porta. Ninguém o quer aqui. Ninguém acredita. Eu vou o deixar entrar. Que raiva de mim.

7.D.I.M

Já
Ousei
Ser quem sonhou
Ébrio em meio a ilusões.
Acreditei
Ingenuamente que...
Ressoaria um dia minha voz
Transbordada de total resignação,
Onde a injustiça teimasse em imperar,
Não iria deixar ninguém impune a minha cólera.
Mas...
Eu me perdi.
Meu ímpeto murchou,
óbvio que tentei, só que falhei.
Revolucionei a mim, não o mundo.
Incansavelmente lutei com determinação,
Ainda que não possuísse os meios necessários.
De repente,
Andarilhei e me vi
Sozinho pelo tempo,
Imbuído em um propósito...
Louco e/ou lúcido de disseminar
Várias palavras inertes de indignação
Adormecidas que até hoje não compartilhei.

6.J.A.M.S

A Raiva por Si

Sim, eu conheço bem a raiva, por mais que me julguem e me rotulem de ser pessoa calma, me sinto um vulcão adormecido, mas capaz de cuspir muita lava e destruir o que passar pelo caminho da minha ira desgovernada.

A sim, eu conheço o despeito, o recalque, a angústia apertada, e quando os tons que vestem são frios me reteso e engulo goela abaixo esses venenos da alma, mas quando a temperatura sobe, assim como o suor, transbordam pelos poros as fúrias que moram no meu peito e às vezes querem sair de qualquer jeito e se vão ao mundo a fazer o mal feito.

Não tem remédio e se tiver é apenas paliativo, podem lhe prescrever fórmulas que amenizem os efeitos e lhe mantenham algo vivo, mas não existe de fato um antídoto, pois é de ternuras e de ferocidades que é feito o espírito e pra que um possa existir, anular o outro é impossível.

E eu assim, aqui, a pensar nas injustiças, do mundo, das suas, das minhas, a rever hipocrisias crônicas, nos absurdos ordinários. Não tem nada

mais grave que a fome. Não tem nada mais sujo que roubar de quem não tem o que oferecer aos filhos no final de um dia.

Eu penso nos filhos famintos e nas mães desesperadas e sei que o que sentem é raiva, porque é o que eu sinto também, e olha que essa dor eu nem sei, é algo sobre o fervor do sentimento, é pessoal e intransferível, a empatia quer nos fazer mais humanos, mas ao final, o veredicto é que é cada um por si, e no Brasil elegeram um deus que não parece estar pra muita gente.

Mas eu não preciso olhar pra calçada da frente e ver gente sem teto que eles chamam indigente, pra perceber que a falta de justiça é moda da humanidade, se eu fizer o exercício de olhar pra dentro de mim vou achar tanto disparate, que às vezes consigo ignorar, já em outras me arde, os demônios que me habitam são algo bipolares, nunca sei quando hão de querer sorrir e quando me morderão a carne

Uma vez ciente de ser inalcançável a tal cura que me livrasse de tanto furor violento, de tanto desespero e sofrimento que me causa a fúria, eu me viro como posso pra livrar a mente da penúria, leio,

Percorre cada célula...

corro, te peço desculpas e as repito de frente ao espelho.

Admito que somos mesmo enraivecidos, irados, bestiais e feios, e que vivemos na caça uns dos outros, a puxar-lhes tapetes nesta guerra infinita de egos e que faz parte da essência que nos assola, predadores de nós mesmos como nos mandam os instintos

Mas tão sedentos de amor que penso que mais do que a dor ele nos toca, e provoca reações que até pareceriam contraditórias, como podem as feras abaixar as cabeças na ânsia de um afago, como posso eu que imundo ser me digladio com o universo e depois lhe suplico por uma paz utópica.

A vida é guerra sim, mas toda vez que não é já é vitória, o monstro que mora entre as minhas tripas é imenso e às vezes me governa, mas quando eu lhe retiro os espinhos das patas e lhe falo com voz mais amena, ele vai se encolhendo, mansinho, mansinho, humilde, tranquilo não chega a ser paz, mas é bem parecido.

Não chega a ser paz, mas é bem parecido.

34.A.S.B

Intensa

Sinto-me completamente
Pequena, coração frio,
Sentimento fraco,
Falso e opaco.
Sinto-me extremamente
Errada, alma dilacerada,
Coração armado,
Culpado, insensato.
Sinto-me intensamente
Perdida, sem guia, sem trilhas,
Destino escuro,
Inapto, sem rumo.
Minto, já nem me sinto
Invento, um grito estranho
Que me arranca do ímpeto
Um sonho,
De ser por um instante, um anjo...

15.S.R.P

Síndrome do capitão Gancho

Não sei se você lembra da história, Peter Pan era um menino que não crescia, vivia na terra do nunca e utilizava a imaginação para não deixar de ser criança. O cinema fez várias adaptações bem sucedidas sobre esse conto.

Nos últimos anos, um psicólogo utilizou o termo *síndrome de Peter Pan* para classificar o comportamento de pessoas que tem dificuldade com a maturidade ou que não querem crescer e viver a vida adulta. Em tempos atuais não acho a ideia ruim, uma vez que as notícias e a previsão do futuro são um pouco indesejáveis, mas é inevitável identificar as pessoas quando determinadas situações acontecem.

Já trabalhei com uma pessoa que não vivia sem maquiagem com medo de mostrar as manchas na pele e declarar sua real idade. Também conheci uma pessoa que achava que a vida é uma eterna festa de jovens. Bebidas com energético, dancinha sincronizadas envolvidas nas fumaças de narguilés ou cigarros eletrônicos. Pra finalizar, aquela criança mimada da escola cresceu e é sua vizinha, frequenta as reuniões de condomínio e sensualiza na rede social. Algum garoto sem capacidades cognitivas trabalha com você e usa a beleza que tem para pedir favores de trabalho absurdo, reconhecendo sua incapacidade de usar computadores, exigindo que tudo seja feito via celular. Pode ser que tenha alguém assim no bar ou na lanchonete do bairro fazendo as

mesmas exigências de quem frequenta as famosas redes de fast food, tornando a experiência da bodega em um verdadeiro inferno. Vá por mim, eu assisti Peter Pan no videocassete, talvez exista um motivo para eu tê-lo substituído por uma bela cerveja gelada.

Enquanto escrevo, aprecio mais um gole nesses dias chuvosos e quentes.

Mas o que tem a ver o capitão Gancho com tudo isso?

Pois bem, tudo isso serviu para introduzir o que realmente quero falar aqui, sobre a minha percepção de uma forma inusitada de falar de emoções. Se você leu Peter Pan, sabe que o seu antagonista, o Capitão gancho, é um ótimo personagem. Nos deu uma infância muito marcante e hilária, mas se você de fato leu o texto sabe que ele, sempre antes de ir para a guerra fazia uma declaração achando que estava chegando sua hora de partir. Sempre acreditava que estava prestes a morrer. No meu caso acontece algo semelhante, eu sempre acho que tudo pode acabar, principalmente em um relacionamento. Basta que ele ganhe rotina. Penso que tem algo errado, que algo mudou. A síndrome do capitão Gancho, para mim, é perceber qualquer mudança e já achar isso motivo para terminar. Qualquer discussão ou hiato vira motivo para pensar nisso, agora enquanto escrevo essas palavras estou pensando exatamente nisso. O que me impede de tomar uma decisão que com certeza virá

acompanhada de um arrependimento. Esse é outro pensamento que me assombra.

Para evitar que a síndrome do capitão Gancho tome conta dos meus pensamentos e das minhas atitudes, eu crio metas. Antes de falar o que eu penso a alguém, eu crio a meta de organizar meus livros por autores e assuntos. Antes de mandar alguém para o inferno eu crio a meta de zerar as roupas que estão no cesto de roupa sujas. Por fim, antes de terminar uma relação eu crio a meta de esclarecer tudo que tem me magoado, dialogado, escuto tudo com muita atenção, peço desculpas, reconheço meus erros, prometo diminuir a intensidade das ocorrências, sair pra comer, depois ver um filme, dormir agarradinho, levantar pra comprar pão fresco e pensar se realmente era tudo aquilo mesmo. Geralmente funciona muito bem.

Talvez o Peter Pan dentro de mim nunca irá deixar o capitão Gancho morrer, mas também não lhe dará a vitória assim tão fácil.

12.T.M

Valeriana officinalis I

– Você pode começar falando o teu nome, a tua história...

– Me chamo Maria Robéria Valorão da Silva. Todo mundo me conhece mesmo como Robéria Valorão, que é como as pessoas da minha família ficaram conhecidas na nossa cidade.

– Interior de Minas? Pergunto por gostar do sotaque.

– Isso. Meu vô era político e ficou muito famoso por lá. Vereador. As pessoas achavam que ele era um cara incrível. Ele não era: roubava tudo que podia e dava o “excedente” pros filhos.

– Pendurado nos dedos da mão direita um cigarro aceso e pouco tragado se desfazia em cinzas com o movimento de aspas que Robéria fez para destacar a palavra *excedente*.

Andreia notou uma grande cicatriz antiga no braço de Robéria, mas não perguntou nada;

Percorre cada célula...

observando mais, notou espalhadas no corpo dela, principalmente no lado esquerdo, várias outras. A fumaça não fumada do cigarro poluía a sala e a conversa, mas nenhuma das duas parecia se incomodar e, como se lembrasse do cigarro ao ver as cinzas na sua frente, Robéria deu um trago sem pressa.

– Foi um escândalo quando a coisa ficou pública. – Retomou. – Meus pais foram muito perseguidos. As pessoas jogavam coisas podres dentro da nossa casa. Uma vez, lembro, era bem pequenininha, tentaram entrar na nossa casa. A minha mãe correu comigo e meus irmãos para dentro do banheiro e ficamos lá no chão escutando a discussão pela janela. Lembro dela pressionando minhas orelhas com as mãos para eu não ouvir a gritaria. O susto do tiro eu nunca vou esquecer porque a gente achou que meu pai tinha morrido e lembro da minha mãe perder a força na mão e respirar trêmula; eu senti o mundo dela acabar, senti a dor dela. Acho que foi nesse dia que ela se perdeu de si mesma. E eu era tão pequenininha. Lembro de tudo.

– E o seu pai morreu?

– Não. A polícia deu um tiro pra cima pra espantar a multidão.

– Ah! Então era uma coisa tensa, multidão e tal...

– Siíiiiiim! As pessoas realmente estavam com muita raiva. Elas passavam fome. A questão era que meu avô é quem tinha pago a reforma da casa dos meus pais. Era uma casa muito luxuosa mesmo. Vivíamos bem. Só fui entender mesmo o que aconteceu quando chegou a adolescência e as pessoas começaram a me tratar mal por eu ser neta do “Felizardo Valorão”. Fui muito motivo de chacota, tinha musiquinha e tudo. – Robéria riu sozinha em seus pensamentos. – Tem que falar tudo, né?

– É bom. Este é um espaço livre de julgamentos e às vezes falar em voz alta ajuda a entender a

– Sei. – Robéria deu outro trago e bateu as cinzas no cinzeiro que ameaçavam cair

novamente. – Já comecei falando do meu primeiro trauma, anota aí.

Andreia balançou a cabeça e anotou alguma coisa em sua caderneta.

– Mas mesmo assim apesar de tudo eu já não sinto mais raiva de ninguém, Eu... – Ao tomar ar para falar, Robéria começou a tossir fortemente, a cabeça arroxendo; Andreia levantou-se para acudi-la mas a enferma elevou os braços acalmando a psicóloga que se sentou novamente e viu um corpo extremamente idoso, debilitado e magro lutar para se manter vivo. Depois admitiu que achou que era chegada a hora de Robéria. Após alguns longos instantes Robéria parou de tossir e, tomando um gole da água ofertada por Andreia, deixou o ar entrar.

– Você não devia fumar mais. – Disse enquanto abria a janela atrás da sua cadeira.

– É verdade. – A voz saiu bem fraca, pausada. Pigarreou. – Nunca devia ter parado de fumar. Na verdade. Tinha medo do pulmão. Mas é o útero que tá me matando. Aliás, nunca tive

filhos. Passar esse sangue amaldiçoado... É desgraça sem precedentes. Uma maldição! Hoje em dia as coisas são muito voláteis. Esquece-se rápido. No meu tempo, não. As pessoas ficavam marcadas a vida inteira. – Robéria repetiu mentalmente “a vida inteira” e refletindo sobre a própria vida, surpreendeu-se porque esperava que esse momento de reflexão aconteceria antes do derradeiro suspiro e sentiu-se irritada, frustrada e triste; desejou nunca ter nascido; quis voltar ao útero até se lembrar do seu próprio, canceroso; nauseou-se. – A vida inteira sem fumar com medo de morrer. Fumo porque é o que me resta.

– E você se casou, formou família?

Robéria não respondeu. Ficaram as duas mais alguns instantes ali em silêncio. Sem falar nada, Robéria levantou-se com dificuldade e saiu com o cigarro ainda aceso entre os dedos. Ao passar pela porta, parou, suspirou

– Que raiva dessa vida de bosta. – e saiu.

Robéria morreu sozinha às 21:13,
enquanto dormia.

23.C.F

A RAIVA DO OUTRO

A raiva é um veneno que
bebemos esperando que
os outros morram.
S.H.A.K.E.S.P.E.A.R.E

A Raiva do Outro... Falar do outro... Da raiva que sinto do outro por ele, muitas vezes, ser inerte a certas situações da vida, é um tanto complexo. Eu poderia falar sobre tanta coisa... Sobre como fico enojado diante do caos estabelecido no nosso país pela política de partido, fincada no seio da sociedade, pelos comportamentos contraditórios e absurdos de quem deveria ser exemplo para uma nação; poderia falar da falta de humanidade nas mais diferentes formas de desrespeito, intolerância e covardia do ser humano contra sua própria espécie e contra o ciclo ambiental; poderia falar da falta de amor, dos vícios, da miséria e tudo mais que revolta, indigna e causa dor.

Mas, vamos conversar sobre insensibilidade, sobre o olhar de julgamento, sobre o prejulgamento, especificamente [espera um instante, tem alguém me olhando enquanto alinho os objetos da mesa para continuar a escrita, estou em um espaço comunitário de leitura e estudo]. [continuando...] Viver com o TOC é preocupar-se excessivamente com sujeira; ter a necessidade exagerada de arrumar as coisas; deixar as coisas exatamente separadas por cor, por tamanho; querer as coisas sempre retas e com sincronia; revisar repetidas vezes uma tarefa já

Percorre cada célula...

executada; ficar aflito por dúvidas intermináveis; realizar rituais de organização, limpeza e outras manifestações ligadas a esses fatores. Basicamente, a pessoa que tem TOC vive atormentada por pensamentos incontroláveis e luta a todo instante para transparecer tranquilidade e espontaneidade. É uma luta sem fim.

Aí entram as neuras e as preocupações constantes sobre como vão me aceitar na sociedade com esse tipo de comportamento. Aparecem as intolerâncias, a falta de sensibilidade do outro, diante do caos e dos prejuízos gerados pelo TOC. É preciso ter jogo de cintura, além de tudo. A pessoa com TOC precisa agir com naturalidade sobre algo que não está bem resolvido dentro dela e que a faz sofrer pela impotência que o TOC provoca; é preciso saber lidar com tudo isso para conviver bem em sociedade, pois o outro sempre irá fazer julgamentos e irá cobrar, com olhares ou atitudes, que você seja “normal”.

Mas, o que é ser normal? PROTESTO! Caminhar pelo campo da normalidade é algo perigoso quando se pode pensar que cada um cria as suas próprias verdades absolutas e quer impor conceitos ao mundo. Ser normal, talvez, seja de fato ser quem você é de verdade, sem precisar se

esconder pela intransigência do outro e pelo extremismo e absolutismo do mundo. Isso me revolta, afeta a minha relação com o mundo e me impede de construir “as boas, saudáveis e duradouras” relações interpessoais e afetivas, afasta-me de ser para o outro, integralmente, o que sou.

Minha raiva do outro é a de não conseguir ser transparente, de ter que moldar minhas atitudes para parecer normal aos olhos dos conceitos estipulados pela sociedade cruel que massacra cada um de nós pelo que somos naturalmente ou pelo que escolhemos ser. PROTESTO contra a insensibilidade humana e a falta de empatia e de amor ao próximo por esse ou qualquer outro motivo que seja!

10.J.J.L.S



Gente sem noção

O nariz vai dentro da máscara!! A máscara é para proteger o outro. O início da doença é silencioso. Você não sente nada, mas contamina os outros. Se estiver de máscara, esse risco diminui consideravelmente. Então usa a máscara direito!!

Lava as mãos. Desinfeta as coisas. Limpa a casa com uma solução de água e água sanitária. Tira a roupa que veio da rua. E usa a máscara.

Aí o povo vai ao mercado. A máscara no queixo. O nariz fora da máscara. A criança sem máscara. E a minha raiva ferve!

Mantenha distância dos outros. Evitem o contato físico. E usem a porra da máscara!

Então estamos na rua. E tem mil pessoas sem máscara. Um espirra, outro tosse. E eu fico com raiva. Muita raiva.

Fechem as escolas. Ao invés de ensinar às crianças a manter um protocolo é melhor deixá-las em casa. Ao invés de instruir, excluir. Criança precisa usar máscara também.

Percorre cada célula...

As crianças estão na rua. Jogando. Brincando.
Todas sem máscara. Que raiva.

Não tem aula. É perigoso. Fato. Então vamos
viajar! Na praia não precisa se preocupar. Sem
máscara. Ô raiva!

A conta começa a chegar. Eu usei a máscara.
Mas peguei. De alguém que não usou. Uma raiva
enorme. E medo.

As mortes. O governo não assume nada. E não
usa máscara. Muita raiva.

Tenho raiva dessa gente sem noção, sem
amor, sem máscara.

7.D.I.M

Valeriana officinalis II

O chão tremeu de repente: terremoto. Robéria sentiu as pernas enrijecerem involuntariamente preparando-se para o *impacto* (ou os tremores ou o que quer que fosse que aconteceria em seguida) e todo o ar saiu de seus pulmões; o coração acelerou explosivamente quando ela finalmente inspirou e, sentindo o rosto gelado, procurou com um movimento rápido dos olhos o Zé, que na frente dela no círculo de amigos que compartilhavam um beik, aparentavam não ter percebido o terremoto que acabara de acontecer. Sentiu então falta de ar e vontade de vomitar. Robéria desceu zozza da kombi e as palavras que ecoavam em sua cabeça eram apenas “puta merda, minha mãe vai me matar”.

– Robéria! – Era Zé, correndo devagar na sua direção. – Tá tudo bem?

– Não. Não bateu bem. Tô indo embora! – Robéria sentenciou enquanto andava. Estava a

alguns minutos de casa e conhecia bem aquelas ruas. Ninguém a veria, era madrugada. Gostava de andar de madrugada porque sabia que não encontraria com ninguém. Não tinha medo do silêncio.

– Tudo bem. Eu vou te acompanhar. Espera só um minuto que eu vou pegar meu casaco e avisar pro povo. – E voltou para dentro da kombi.

Robéria ouviu gargalhadas e parada, sentiu o mundo girar; quis se deitar, mas olhou para o chão de terra do beco onde a kombi estava estacionada e decidiu caminhar para ver se sentia melhor. Após alguns metros, Zé a alcançou.

– Como você consegue lidar com tantas sensações ao mesmo tempo? – Robéria perguntou verdadeiramente interessada.

– Eu não lido. Deixo elas me levarem. – Zé regia uma orquestra imaginária com os braços enquanto caminhava. – Bateu?

– Bateu. Senti um terremoto. – Admitiu envergonhada.

– Não acredito! Uma vez eu tomei um iogurte mágico na Índia e senti a mesma coisa! Achei que ia morrer! – Zé caiu na gargalhada e aliviada e contagiada, Robéria gargalhou também.

Tomando-a pela mão, um Zé mais alegre, mais leve e mais divertido a levou para brincar num parque de crianças que havia ali perto. E era exatamente como uma criança que Robéria se sentia, explorando os brinquedos quebrados do parquinho como se fossem feitos daquela forma; não havia limites: tudo era divertido e eles gritavam alto, ignorando o silêncio da noite. Gostava de estar com Zé, sentia-se livre. Quando finalmente cansaram, retomaram o rumo para a casa de Robéria, agora em silêncio. Tudo o que ela olhava parecia impressionantemente interessante: cada detalhe do chão merecia ser visto, cada casca de árvore abrigava um mar de sensações. Cada vez que respirava, Robéria sentia o perfume de Zé. Cada vez que expirava

queria voltar a senti-lo e quando viu, já estava com o nariz na nuca dele, que fechou os olhos receptivo e deixando-se ser descoberto por nariz, mãos e lábios, encostou numa árvore ali perto puxando Robéria para junto de si. Sem pressa, dor ou pudor, seus corpos se encaixaram naturalmente. Robéria percebeu-se mulher...

Completaram o caminho de volta de mãos dadas, os passos bem lentos e em silêncio. Robéria estava leve, plena e lenta. Cansada. Olhou para o horizonte que anunciava a chegada do sol e emocionou-se ao olhar para Zé. Ela tinha medo de ir para a cama e acordar de um sonho maravilhoso, mas ainda assim, sentindo o calor da mão firme de Zé, percebia que aquela era a realidade, potencializada, experimentada. Estava viva, acordada, porém sonolenta. Os pensamentos deslizavam com facilidade. Já na frente de casa, se abraçaram lentamente e Robéria não quis deixá-lo. Pensou no escândalo que a mãe faria. Olhou para o céu e viu as estrelas e não resistiu: deitou-se na grama do jardim puxando Zé para fazer a mesma coisa. Foi ele que quebrou o silêncio.

Percorre cada célula...

– Já parou pra pensar que quando a gente olha pro céu estrelado a gente tá olhando pro espaço, pra infinitos outros sistemas cheios de planetas? Tudo acontecendo ao mesmo tempo, tudo em movimento por aí. Eu daria tudo pra botar o pé na Lua um dia. Acho que sair da Terra dá outro significado pras coisas, pra vida, pra morte, pros encontros, pros aliens... – Zé entrelaçou os dedos com mais força. – Hoje contigo eu com certeza saí da Terra. Talvez eu nunca mais sinta a gravidade do mesmo jeito.

Se beijaram, devagar. Robéria também flutuava. Encostou a cabeça na grama e olhou para o céu estrelado. Zé fez o mesmo. Ela procurava alguma constelação que reconhecesse e, falhando, pensou que talvez estaria muito chapada para lembrar de ponto brilhantes fazendo linhas imaginárias e compondo imagens de figuras mitológicas criadas por gregos milhares de anos antes e permitindo-se apenas olhar o movimento parado das estrelas,

– HOJE VOCÊ VAI APRENDER A TOMAR JEITO – Era dia e a mãe de Robéria

gritava fora de si. Despertando assustada, só deu tempo de empurrar Zé ainda acordando para o lado para protegê-lo da mãe que atirava água fervente na direção dos dois. Zé foi atingido na perna, já Robéria foi muito mais afetada: seu lado esquerdo todo molhado queimava.

Robéria gritava sentindo as têmperas pulsar para fora do crânio, os olhos apertados. Sentia ondas de dor como relâmpagos que nunca cessam e gostou do abraço frio do chão quando caiu e, por um brevíssimo instante de lucidez e serenidade, descolou-se do corpo que se contorcia; toda a energia que a atravessava converteu-se então em pura ira que a fez ignorar todos os protestos da pele em carne viva e correu na direção da agressão com os olhos arregalados, o coração vivíssimo já sentindo nos dedos o pescoço da mãe apertada

RAIVA

e incapaz de prosseguir relaxa entregando-se à dor,
envergonhada.

23.C.F

Percorre cada célula...

O Problema é a falta de interpretação?

Eu na verdade nem o conhecia. Nem sabia que era político. Depois que fui saber que já tinha quase 30 anos de casa.

“Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, o meu voto é sim”.

Acho que foi nesse momento que o vi pela primeira vez. Mas veja bem, ele não assumiu em nenhum momento que a ditadura torturava não. É tranquilo. A Dilma também fez muito mal ao Brasil.

“O erro da ditadura foi torturar e não matar”.

A frase deve estar fora de contexto. Ele não é favorável à tortura. Cristo foi torturado e morto.

“Eu sou favorável à tortura. Tu sabes disso. E o povo é favorável a isso também”.

Ele devia estar falando de um período específico. Ninguém ouve o cara também. Ele é um homem político. Defensor da Constituição e da Democracia.

“Através do voto você não vai mudar nada nesse país, nada, absolutamente nada! Só vai mudar, infelizmente, se um dia nós partirmos para uma guerra civil aqui dentro, e fazendo o trabalho que o regime militar não fez: matando uns 30 mil, começando com o FHC, não deixar para fora não, matando! Se vão morrer alguns inocentes, tudo bem, tudo quanto é guerra morre inocente.”

Percorre cada célula...

Bem, morreram até agora 300 mil. Mas com certeza todos não fizeram o tratamento precoce com Ivermectina e Cloroquina. Certeza. E a parte da Guerra Civil deve ser só de brincadeira. É outro momento que vivemos.

“Eu jamais ia estuprar você porque você não merece”.

Aaahhh! Essa é famosa. Ele foi provocado. Eu recebi no Zap e a mulher era feia mesmo. O que foi? Nada! Não existe isso de machismo! Isso é invenção da Globolixo!

“Para mim é a morte. Digo mais: prefiro que morra num acidente a apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo”.

Fala sério? É alguma mentira? É a família dele. Ele tem o direito de falar assim da família. Ele não está entrando em nenhum ponto mais dramático de nossa história nem nada.

“Que dívida? Eu nunca escravizei ninguém na minha vida. O negro não é melhor do que eu, e nem eu sou melhor do que o negro”.

Mas veja bem. Isso foi por causa das cotas, não é verdade? E eu não discordo. Quer dizer. Não sou negro. Não posso falar com certeza. Eu tenho um amigo preto e o apelido dele é “cota”, mas não é por nossa culpa. É culpa do governo dando esmola. Eu nunca precisei. Nunca estudei também, mas foi por opção minha.

“Eu não sou coveiro, tá certo?”

Isso foi no início da pandemia. Todo mundo só criticava. Ele estava nervoso.

“O brasileiro tem de ser estudado, não pega nada. O cara pula em esgoto, sai, mergulha e não acontece nada.”

Mas só o caso que deu errado. O normal é a gente receber uns vídeos assim pela internet. Tudo real. Tudo real. Diferente da mídia que nos enganava. Menos quanto ao Lula. Essa parte era verdade. E mais. Ele lutava contra o vírus. Nunca chamou de gripezinha.

“Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar, tá ok?”

Mas foi só dessa vez. Pelo menos deu o auxílio. O dinheiro me ajudou muito, mesmo sabendo que o Congresso teve que aumentar o valor que ele ofereceu.

“E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”...

Na verdade, eu nunca votei no cara. Eu votei nos liberais do partido Novo. No segundo turno foi uma escolha muito difícil.

“O emprego é essencial, essa é a realidade. Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida. Todos nós vamos morrer um dia.”

Eu nem sei quem ele é. Se você abrir a boca perto de mim de novo, vou te quebrar na porrada. Entendeu?

8.A.B

57.797.847

J. M. B, eleito em 28 de outubro de 2018 com 57.797.847 de votos.

Poderia ser o início de qualquer conto de terror moderno, mas é, no momento, o motivo da minha raiva dessa galera toda aí que veste máscaras para caxumba no queixo; dessa galera que foi legitimada e empossada para tirar o ódio do armário e encenar um dos períodos mais tenebrosos da história de um povo que teve a pele indígena arrancada do seu DNA e que viveu uma Ditadura Militar que transformou a dignidade em carbonização e cinza.

A minha raiva tem nome, sobrenome, faixa presidencial e, o pior de tudo, mora ao meu lado; são meus vizinhos, familiares, colegas de trabalho. A minha raiva dá um nó na garganta, um desespero claustrofóbico. A minha raiva me amarra em pau de arara e enfia baratas na minha vagina. Ela, às vezes, faz um churrasco em família ou me convida para louvar A-DEUS. Ela se veste bem, anda de carro

Percorre cada célula...

importado, mas também mora nas favelas. Ela está em toda parte.

A minha raiva é docente. Divide o ar condicionado da sala comigo. A minha raiva comprou peças de elevado valor financeiro para o Planalto; adquiriu várias caixas de leite condensado, caviar, lagosta. A minha raiva aglomera e valida a sua ação. Ela incita contra a democracia. Isso mesmo! Incita a destituição do mecanismo que a levou ao poder.

A minha raiva é podre, personificada. Ela ajustou o salário mínimo abaixo da inflação. Usurpou da FUNAI, a responsabilidade de demarcar as terras indígenas. Usurpou do INCRA, a responsabilidade de demarcar terras quilombolas. A minha raiva destrói placas de Mariele's. A minha raiva odeia preto!

A minha raiva disse que mulher precisa ganhar menos que os homens. Gritou aos quatro ventos que se tivesse um filho meio viadinho, bastava dar pancada que resolveria. Ela disse que não estupraria uma mulher por ela ser feia. Ela idolatrou um torturador no Congresso.

A minha raiva retirou a população LGBTQIA+ das definições de diretrizes de direitos humanos. Ela

Percorre cada célula...

exonerou dos cargos comissionados da Casa Civil, todos que demonstraram “alinhamento ideológico” com a esquerda.

A minha raiva não sangra ao levar fakeada. Ela protege os filhos, todos eles: 01, 02, 03, 04, menos os da sua “pátria amada, Brasil”. Ela reforma a previdência e o pobre se lasca. Ela odeia a educação e os professores. Ela odeia livros. Mas, ama armas. Ela gosta mesmo do barulho de bala, do sangue escorrendo, da pele sendo dilacerada por um tiro. A minha raiva faz até “arminha com as mãos”.

A minha raiva diz que “o Brasil tem que deixar de ser um país de maricas”. A minha raiva acredita que a Terra é plana. Ela odeia a ciência e as vacinas. Odeia chinês. Odeia! Ela diz que é só uma gripezinha e que a economia não pode parar!

A minha raiva é contadora de histórias e promete dizer ao Presidente da OAB, como o pai dele desapareceu na ditadura. Ela debocha da morte. Ela diz que não existe fome no Brasil. Ela se preocupa com o *Golden Shower* alheio! Ela diz que a questão ambiental só importa para os veganos, que comem só vegetais. Ela faz um convite: “Quem

quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique a vontade”. (Esse “aqui”, é no Brasil) O convite tá feito!

A minha raiva facilitou a escrita do meu texto. Não faltou inspiração criativa. A minha raiva poderia ser nossa. Mas, você preferiu se abster. Você preferiu votar no #elenão! Você faz parte dos **57.797.847 G E _ _ _ _ _ S, que puta que pariram essa pátria patriótica.** Você talvez tenha feito isso pensando no melhor para o seu país, cansado dos discursos falidos, mas #elenão!

1.D.N.L



Gêneros

Elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos. (SCOTT, 1995)

Sempre os mesmos
Homens, por que nos destroem?
Por que vos amamos?
Sabendo que sempre serão os mesmos,
Com os mesmos descompassos, com os mesmos
erros
Desalinham qualquer acerto ou mesmo aconchego
E nós, mulheres nos deixamos levar,
ouvimos apenas o que queremos,
e aos nossos olhos
percebemos o derradeiro desejo
transcender o tempo.
E apenas acreditamos
nos nossos míseros devaneios .
E quando nos damos conta do erro,
Ah,dizemos não cometer os mesmos atropelos
E nos vemos a mercê, do
Misterioso e notório, arrependimento
No entanto, um segundo desejo,

Percorre cada célula...

escondido no peito

Retrocede ao que tanto tememos, e desfalecemos

Em um simples e ardente, beijo...

Homens e mulheres, sempre os mesmos!

15.S.R.P

Percorre cada célula...

A raiva do outro

"Conter a agressão
Herói hoje, tez de boi
Heracles leão."

Um Leão, que vivia nas montanhas era provocado pelos outros animais por ser o último de sua espécie, eles diziam que lá na cidade de seus parentes vivia um povo muito valente. Tanto ouviu dizer isto que, um dia, resolveu ir procurar esse povo para saber se tal dito era verdadeiro. Até então nunca tinha visitado a morada dos seus últimos descendentes.

Havia muitos bois nessa cidade. Os bois têm suas maneiras peculiares para lidar com os habitantes das cidades. Essas características incomodaram o leão que os julgou muito passivos. Ficou confuso e se perguntou: Como um povo passivo como eles conseguiram permanecer em um lugar onde os leões foram extintos?

O leão pediu para falar com o chefe dos bois. Os bois se sentiram confusos com essa palavra, chefe. E mais ainda quando o leão tentou explicar o significado dela. O leão percebeu que os bois eram obtusos apesar da cidade oferecer escolas, faculdades e ótimas escolas profissionalizantes.

O Leão ficou zangado com tamanha estupidez, mas se conteve, refletiu um pouco e pediu, então

Percorre cada célula...

pediu para falar com o boi mais sábio. Eles indicaram um velho touro que vivia numa área rural, longe da cidade. Contrariado, o leão seguiu para o interior. O leão foi recebido amistosamente.

O leão foi direto ao assunto:

Leão: — Os bois são muitos passivos, precisam reagir.

Touro: — Baseado em que você critica nosso “modus operandi”?

Leão: — Nós leões não guardamos desaforos e mostramos quem manda no pedaço. Não tem um animal que nos desafie em sua consciência.

Touro: — você contou quantos leões vivem por aqui?

Leão: — Na verdade não encontrei nenhum, mas compartilho da ideia daqueles que saíram desta cidade, com todo respeito, a atitudes de vocês bovinos me incomoda.

Touro: — Vou te contar uma história: vivia muitos leões aqui, aqui é uma terra boa para todos os animais. Os leões não fugiram como deve imaginar, pois isso não é característica de vocês, não é mesmo? Vocês os enfrentaram. Mostraram seus dentes, suas garras, seus rugidos. Houve perda dos dois lados, vocês levaram muitos deles nessa guerra que promoveram. Depois de uma honrosa batalha, os leões perderam. Hoje vocês só são vistos nos livros e documentários escolares.

Leão: — Mas eles matam vocês, comem suas carnes. Como permitem isso?

Touro: — Os leões não permitem que sua carne seja devorada pelos predadores, mas isso não impede que as hienas, os abutres e outros animais carniceros os comam depois de mortos. Os nossos são sacrificados, mas eles sabem que são imolados para o bem coletivo. Se olharmos a quantidade de bois e leão no mundo acho que somos mais bem adaptados à nova realidade.

Leão: — Vocês ruminam demais. Disse o leão num rugido contrariado. Os heróis se inspiram em nós, por exemplo, Hércules.

Touro: — bom exemplo de sobrevivência de nossa espécie.

Hércules executou doze trabalhos. O leão de Neméia, Hércules matou e usou o seu couro como armadura e troféu, no entanto, o Touro de Creta ele o dominou, ambos ficaram vivos.

Os bois de Gerião também foram poupados.

Leão: — O Leão ficou impaciente com essa resposta. Suas garras se pronunciaram de suas enormes patas.

Leão: — Mas vocês nadam questionam, parece que sempre está tudo bem. Isso é indiferença ou passividade?

Touro: — Somos mais afeitos ao trabalho que aos embates.

Leão: — Quando ficam contrariados, o que fazem?

Touro: — Nós revidamos, usamos nossas forças, assim como vocês, podíamos impedir eles de

saírem de casa, podíamos atravancar as portas e não dar passagem. Nós somos numerosos e grandes. Não há forças que nos empurrem para trás se resolvermos caminhar para frente. O boi que perdesse o equilíbrio poderia pisar até matar, mas não há sentido nisso. Nossa força e violência também são conhecidas.

O mito de Hércules, que citou, conta essa nossa faceta. Até hoje somos usados em touradas, rodeios e outras atividades culturais para demonstrarmos nossa força. Os leões foram usados em Roma em arenas de gladiadores, mas não me lembro dessa prática ter permanecido.

O leão se sentiu ofendido e atacou o Touro. O Touro, nem um pouco surpreso, rapidamente com o seu porte gigantesco jogou o leão para cima e o aparou antes de cair ao chão com os seus imensos chifres, matando o agressivo e impaciente leão.

Moral da história: *Paciência e tempo dão mais resultado do que a força e a raiva*

2.M.D

Seres abomináveis e sem alma
No cintilar do sangue como espelho
Numa fúria bestial que não se acalma
Mesmo frente ao pesar de um sol vermelho
De vergonha e aflição por tanto trauma
No que lhe roga em lágrima e de joelho
Por Gaia que sofre, mesmo que calma
Já em apelo sem voz, eu o aconselho:
Lute para que a ira não o tome
Em desejo de ruir a nossa Terra
Ante a tanta ganância que o consome
Afiml você é homem que sempre erra
À sombra do mal sem rosto e sem nome
E que se fez, só, pra viver de guerra

6.J.A.M.S



Compreensível fúria

Na minha rotina diária, deparo-me com inúmeros desabafos de diferentes pessoas de classes, sexo, níveis sociais, enfim, uma salada de ideias desorganizadas que me levam da ira ao despeito em curtos espaços de tempo entre um relato e outro. Nessa miscelânea de informações, posso avaliar e afirmar que o que mais odeio no próximo são suas inseguranças, o caráter flexível, a falta de amor próprio e o comodismo. As provações passadas até a idade que me encontro me faz crer que as pessoas não aprendem com os desafios, com as provações, com as perdas...

O ser humano sempre busca uma forma de fantasiar a dor ou de esconder-se nas saias da ignorância, buscando inocentar-se das consequências das próprias escolhas errôneas. A ira que alimento do próximo reflete-se no meu silêncio e no olhar fixo que lhe ofereço ao ouvir, estranhamente atenta, enquanto minha mente absorve e me remete as mais duras críticas. Não sou intolerante, cruel ou muito menos carrasca, mas minha ira remete-se àquele ser que se lamenta perante a mínima dor, ao superficial corte enquanto tantos são degolados, a soberba fortuna enquanto a miséria grita na casa vizinha.

Percorre cada célula...

Esse ser que ousa buscar apoio espiritual enquanto o materialismo o consome. Esse ser que habita parte de cada humano ao esquecer que sempre haverá uma dor maior, uma fome maior, um peso sempre a mais que os hipócritas nunca saberão entender.

3.S.F

Ela & Franklin

Quando Ela me contou sobre o Franklin, ouvi atentamente, sem reação. Sem qualquer reação que Ela esperasse, Dei-lhe as costas e comecei a caminhar. Ela chorava atrás de mim. Não voltei os olhos para ver nem Ela deixava soluços audíveis escaparem, mas eu dolorosamente sabia que Ela chorava, como também sabia que desejava gritar o meu nome.

A minha mente estava confusa como nunca antes. Eu sabia que um dia assim chegaria, um dia em que a confusão em minha cabeça seria tão grande que eu não teria mais controle sobre ela. A minha loucura parecia estar se tornando independente. A caminhada para lugar nenhum que eu fazia agora era longa, teria tempo para tentar inutilmente arranjar meus pensamentos.

Inventar um amor como Ela foi uma tarefa complicada. Não foi, para mim, a coisa mais difícil do mundo, mas não posso omitir que foi algo complicado.

Desde a consciência, desde tudo aquilo de que me posso lembrar, eu já me entendia como diferente, díspar dentre os homens. Tentei me encaixar dentre os infindáveis grupos da sociedade de meu tempo, não deu certo. Tentei me definir, e isso me resultou impossível, dada minha natureza tão fluida e imprecisa e que não se entendia homem, nem animal, nem matéria, nem filho, nem certo de nenhuma certeza neste mundo; incerto quanto à lucidez e à loucura, eu estava entre tudo, sem pertencer a nada. Por um instante, pensei que pudesse ser alguém superior, mas logo percebi estar equivocado, não tinha nada de especial em mim, agora sei. Sou um mero mortal, diferente como todos são, e um universo independente, com todos os outros. O motivo de eu ser tão diferente daqueles que compartilham comigo uma cidade ou uma época é simples: um azar terrível; uma covardia do Destino, se este tivesse uma consciência sobre a qual pudéssemos projetar culpa.

Preso às minhas sensações invulgares que me fazem “compreender” o tudo como se tivesse por olhos caleidoscópios, verifiquei que não havia canto neste mundo que me coubesse. Os Deuses que me apresentaram não me serviram; a arte que saboreei me pareceu um mistério terrível, como Deus; e o amor... Impossível.

A necessidade humana me obrigou a estar preso a certas coisas e vícios que, mesmo que eu os repudiasse, tinha extrema urgência de possuí-los. Dentre essas coisas, a primeira que desesperadamente fui buscar foi o amor, mas neste mundo em que não caibo, não tive senhorita que me servisse.

O amor foi a primeira coisa que tive que inventar. Criei Ela, e a amei por demais. Tão complexo foi o amor que projetei, que se tornou maior do que eu mesmo. Ela vivia, viva mais do que vivi. Para presentear Ela, passei a tecer mais e mais e desde então não soube parar. Materializei todo um mundo e a pus nele como rainha. Foi interessante brincar de Deus, mas que homem não surtaria, tendo sua natureza frágil e

caráter errante, ao tentar se aproximar, o mínimo que fosse, do fazer divino?

Quando passei a confundir o “real” dos homens e dos deuses com o “irreal” que era meu, Ela já agia contra a minha vontade e, como Lúcifer, me fez falhar na minha onisciência. Ela agora podia me arrancar pedaços... Já era real demais para mim.

Eu nada sabia sobre Franklin até aquele momento. Como me doeu saber!

— Eu me sinto estranha no mundo em que vivo, como você se sente, amor... — Ela disse. — Você não é o único que tem a capacidade de inventar amores...

Aquele foi o último dia da vida d'Ela. Eu nunca cheguei a ver a cor do Franklin. Suponho que ele houvesse sido um rapazinho surpreendente e, quiçá, talvez eu aprendesse a gostar dele e perdoasse Ela, mas não cheguei a pensar nisso naquele momento.

É estranho... mesmo depois que Ela se foi, as coisas parecem continuar iguais. Meus pensamentos ainda estão confusos, ainda

caminho pela estrada para lugar nenhum que agora julgo ser irreal, produto de minha alienação.

É estranho você cometer suicídio e permanecer vivo.

9.D.C

A Raiva que me Move

Toda vez que eu leio uma notícia de jornal, é raiva e quando procuro anúncios de aluguel também, quando bato o cotovelo na quina do móvel da sala, e toda vez que ele me diz que duvida do que a gente tem.

A cada discurso presidencial eu penso em atos terroristas que eu mesma comandaria, quando me avisam que esse mês estou suspensa, sem remuneração nem garantia, e todo mundo absorto em casas em que jamais viveremos, em contextos inventados pra distrair e isso me enfurece tanto que quero entrar nas salas e quebrar televisões, eu quero gritar porque todo mundo de repente parece mais burro, mais surdo e mais calado que o normal;

Quando ela me expôs e vomitou verdades e quase verdades, foi fúria, e quando te vi quase nos perder por tão pouco, como eu já fiz mais de uma vez, a lembrança da infância o desaforo, a mentira e o recalque, e às vezes quando chegam os boletos no final do mês.

Quando vejo o vidro da mesa quebrado, o vinho derramado e as taças em estilhaços, e me recordo que abri mão de muito a troco de

Percorre cada célula...

absolutamente nada, a foto do abraço, que me remete ao amasso e o calor alheio me enfurece por desconsiderar o meu, ciúme é raiva também.

O governador manda despejar sem teto no meio de uma pandemia, o leilão de terras indígenas, aquela fala misógina e machista, as mãos daqueles idiotas na minha intimidade invadida.

Tem dia que tudo é raiva,
Tem hora que tudo é raiva,
Tem vez que raiva é tudo
E não tem nem mais nem menos,
Não importa se os motivos são grandes ou se são pequenos,
Não importa se foram acidentes ou se foram erros,
E nem se foram meus ou se foram alheios
É raiva e raiva, e tanta raiva.
Que pra não morrer eu só vivo, sobrevivo, engulo a seco e respiro
Respiro... Respiro... Tem momento que respirar é ato difícil.

34.A.S.B

Percorre cada célula...



A RAIVA DO MUNDO

A raiva é a minha revolta
mais profunda de ser
gente. Ser gente me
cansa. Há dias que vivo
da raiva de viver.
L.I.S.P.E.C.T.O.R

Ei, ~~aperte o pause aí da~~
raiva (ou não)...

E, Pra não dizer que
não falei das flores, vou
te apresentar esse
Admirável Gado Novo
nos próximos textos.



Percorre cada célula...

Caverna do Dragão

Acordei com o zunido da TV no volume máximo, anunciando mais um lockdown. Mal tive tempo de escovar os dentes e... Puta merda! Mais um dia de cão!

Varri a casa, almocei, me senti deprimida e agora tô aqui dentro do carro, olhando a chuva gotejar no vidro do carro, enquanto escuto *Dreaming my Dreams* da *The Canberries*, em algum estacionamento público da Asa Sul.

Mas que porra você tem a ver com isso né?

Eu tô com raiva dessa merda toda! De ser um fantoche de alguém; de ver esse cara cagar pra gente. Eu tô com raiva de não ser ouvida. Eu tô puta por não ser profunda nas minhas palavras e pela angústia em terminar logo esse texto.

Eu tava aqui dialogando com a minha esposa, bem bonitinho sobre tudo isso, mas agora não consigo escrever algo que ao menos pareça lógico.

A *playlist* já mudou e agora está em *Paramore*. Talvez romântico demais para dizer das minhas

Percorre cada célula...

insuficiências enquanto gente. Talvez profundo demais para explicar as inúmeras vezes em que me escondi da minha necessidade de controle e culpei o cara pelas minhas frustrações e infortúnios. Por todas as vezes que troquei a terapia por uma oração ou por acreditar que pela fé, meus problemas seriam resolvidos. Não, eu não sou tão excepcional vivente como pensam!

Eu tô puta com esse cara que a gente ajudou a eleger; que tem no rebanho um monte de miseráveis aos seus pés; que nos domina pelo medo, servidão; que nos tira direitos já constituídos; que faz acreditar em maçã, goiabeira e pecado; que faz com que eu sinta culpa, nesse exato momento, por estar escrevendo essas coisas. Quem és tu?

ID, EGO... Quem és tu?

Eu queria que a bíblia moderna fosse “*A ciranda das mulheres sábias*”, onde se pregaria sem negação, a existência de humanos potencialmente perigosos, sobretudo, para si mesmos, mas não tão divinos quanto pensam ser. Eu queria que isso fosse aceitável. Ao menos, pareceria ser mais real e menos *Peter Pan*.

Eu acho que você sabe de quem é a minha raiva, não é mesmo?

Não! Não é do Bolsonaro! (*Tenho também! Que fique claro, mas isso é conversa pra outro texto!*)

A minha raiva é desse Deus que você criou. É desse Deus que não representa a minha verdadeira essência divina; imagem e semelhança. Eu tenho raiva desse cara que abençoa e pune os escolhidos ou os inocentes. Será que esse cara existe ou é produto de homens maus que ao longo da civilização foram incapazes de se mostrarem como realmente são?

Eu também tenho um sonho, *Ghandi!* De viver sem amarras sociais. De ser boa por opção ou de ser puta sem que sintam pena da minha escolha. De ser quem eu sou sem buscar justificativas. Afinal, o Sol é Sol há centenas de milhões de anos, sem que sua essência seja passível de qualquer questionamento.

Retorno ao *Dream*, agora com *Imagine Dragons*. A minha sessão com a psicanalista está quase no fim e eu continuo submersa e irresoluta na ideia de que esse Deus não pode e não precisa existir aqui dentro de mim nem de você.

Percorre cada célula...

Fica com raiva de mim não, leitor! A raiva também é um tipo de sentimento e eu não quero ter qualquer ligação com você. Isso me livra do seu julgamento. Afinal, sou apenas um papel sem data e uma caneta sem tinta. O que falei talvez seja verdade demais para você que se escondeu a vida inteira atrás dos dogmas, convenções, medos.

Eu sou um pouco de você e você um pouco de mim!

A *vibe* agora tá boa. Tô ouvindo You're Somebody Else e a chuva parou de cair. Pensa aí então... Se não seria tudo mais bonito sem essa tal divindade. Nós somos divinos, a partir do momento em que reconhecemos ser profanos.

1.D.N.L



Valeriana officinalis III

– Pai, eu preciso de ajuda!

– O que foi, Robéria? – A voz do outro lado da linha soou preocupada.

– É uma grande amiga minha, fudida na vida. Tá grávida, precisando de uma cesariana urgentemente. Nem sei por que direito, mas o hospital se recusa a interná-la. Ela já está há quatro dias em trabalho de parto. Muito sofrimento, muito risco. E foi daí que surgiu a ideia de levantar uma grana pra conseguir a cirurgia no particular. Vimos um hospital que faz por R\$ 4 mil.

– Olha, eu

– Eu não gostaria de ter que te pedir dinheiro. E você não é minha última esperança. Te liguei porque sei que você tem grana sobrando e é um momento de urgência.

– Tudo bem, o que você quer que seja feito? Podemos colocar ela em um hospital aqui do centro. – Robéria silenciou, espantada. Não podia acreditar no que estava acontecendo. Sentiu-se filha de pai rico, sentimento novo, sensação nova; chorou aliviada. – Minha filha, conta comigo.

Poucas horas depois Robéria apresentou-se na recepção da maternidade com cadeiras acolchoadas e esperou ser chamada. Sentou-se e olhou à volta: tudo limpo, no lugar. Por alguns instantes, distraiu-se com cantos de passarinhos distantes. Levantou-se prontamente ao ser chamada, recebeu um adesivo com seu nome e entrou num elevador espelhado que deu num corredor de chão brilhoso por onde andou até o fim. Em um dos quartos à esquerda, uma porta aberta deixava escapar uma risada aqui e outra ali. Reconhecendo as vozes amigas, nem olhou o número, entrou.

O quarto parecia um quarto de hotel, com móveis e armários espalhados pelas paredes. Alguém trouxera flores. Uma cortina delicada

dava um tom creme na luz do dia e tudo parecia mais aconchegante do que realmente era. Quatro pessoas se espremiavam na beira da cama saudando uma bebezinha nos braços da mãe recém-parida e riam alto. Foi nessa hora que viram Robéria.

– Opa! Chegou Robéria! – Era Zé, aproximando-se. Fazia anos que não se viam. Se abraçaram profundamente.

– Ei, para com essa safadeza aí e vem ver minha filha! – a amiga, divertindo-se com aquele reencontro inesperado, chamou.

Robéria chegou perto da cama e sentiu cheiro de leite azedo. Riu sozinha. Olhou da mãe risonha para a criança que alternava entre mamar, parar, abrir um sorriso banguela com os olhos fechados e, talvez, lembrando da vontade de mamar, voltava ao mamilo. Aí eram todos que riam.

– Gratidão, amiga. Gratidão. Gostaria que você fosse a madrinha dela... – A voz da amiga falhou emocionada e Robéria abraçou as duas

aceitando o convite. Pensou no próprio nascimento vendo-se fruto de uma mulher e um homem. Viu-se criança novamente e lembrou-se de todas as vezes que amaldiçoou a fortuna da família corrupta. Olhando para a recém-nascida, viva, respirando, mamando e sorrindo nos braços da mãe, chorou sem saber se era de alegria ou de raiva.

23.C.F

Raiva Coletiva

Um engarrafamento de grandes metrópoles perdurava. Para eles, os motoristas, a única forma de chegar de um ponto a outro era dentro dos carros. Eles avistavam somente os caminhos rígidos dos carros que são delineados no asfalto. Os motoristas não saiam do carro, não importava o tempo que a obstrução durasse. As mãos sempre no volante e o rosto olhando insistentemente para frente.

Esse congestionamento durava dias, o caminho de piche ficava em brasa por causa do sol escaldante e gélidos por causa do frio da madrugada. A determinação dos motoristas eram a mesma. Podíamos julgar que eram programados, não tinham vontade própria. Eles tinham o comportamento dos cavalos equipados com cabrestos e antolhos.

Transeuntes passaram caminhando, devagar. Um ou outro olhava de soslaio para os carros. O motorista orgulhoso se rejubilava com a possível inveja nos corações dos patéticos pedestres. Para eles, os pedestres, eram coitados, pois tinham que andar com suas próprias pernas.

Animais passavam ante aos carros, inclinavam as cabeças, curiosos, formando dentro de suas mentes superficiais, uma compreensão das atitudes distorcidas dos motoristas. O cachorro cheirava os pneus, depois faziam xixi nas rodas. Os pássaros se observavam no espelho e bicavam os retrovisores.

Os gatos subiam nos tetos dos carros e deitavam. Um motorista sentiu uma angústia. Um nó na garganta, um engasgo. Um sentimento próximo da raiva, branda e confusa. Não sabia distinguir se era raiva de si próprio, do outro ou do mundo. Sentiu-se claustrofóbico, então abriu a porta do seu carro e o abandonou.

A liberdade o fez sentir-se desesperado, o caminho se tornou grande demais para suas pernas, além disso, não conseguiu enxergar o início do engarrafamento. Perdido com suas contradições e com cara de bobo recebeu de seus colegas latinhas e outras coisas jogadas. Outros gritaram para ele: — Você está maluco? — Qual o seu problema? — Volta para o carro idiota!

O ex-motorista fica em dúvida entre voltar para o interior do carro ou caminhar. Ele resolve caminhar pelo acostamento. Aos poucos ele se habitua ao exercício físico e sua mente se expande. Ele vislumbra outras possibilidades, outros caminhos, desvios. A estrada que ele julgava ser a única via, como o destino inexorável, se mostra agora restrita e tacanha. Ao encontrar uma picada no meio de um cerrado limpo, ele tem um susto ao deparar-se com o mundo fora do veículo. Diante da imensidão sente-se desamparado.

Começou a fazer seus trajetos a pé, de dia ficava deslumbrado com o horizonte, o ocaso quase o fazia chorar. As caminhadas à noite eram também especiais. As luzes das estrelas, da lua, a brisa

fresca que soprava. Na chuva, os seus sentidos se acentuavam, era uma caminhada sensual.

Aos poucos, ele percebe a infinidade do mundo e da natureza que existe fora da estrada. As possibilidades de caminhos possíveis. Ele percebe que aquelas pessoas nos carros, que ele julgava serem inteligentes, na verdade são reprodutores de uma lógica imperfeita que torna a realidade pequena. Ao olhar seus colegas motoristas presos na estrada foi invadido por um desconfortável sentimento. Volta para o seu carro que ainda estava no mesmo lugar. A sua ausência não influenciou em nada o trânsito. O tempo para os motoristas é diferente.

O motorista liberto, o andarilho poderia fazer duas coisas: retornar para o carro e juntar-se aos seus companheiros ou viver a sua liberdade e tentar convencer os outros que essa era uma possibilidade. Uma possível consequência da segunda possibilidade seria os ataques que sofreria de seus companheiros, que o julgavam louco, mas poderia ser uma atitude necessária, por ser a coisa mais justa a se fazer.

Ao tentar convencer os motoristas que eles poderiam sair dos carros, caminhar, escolher os seus caminhos, fazê-los enxergar que as possibilidades eram muitas, o trânsito abriu um pouco e um dos motoristas angustiado e ansioso atropelou o nosso pretenso herói que contorcendo de dor não viu quando a fila de carros friamente como máquinas

continuou o seu caminho massacrando os ideais e o corpo do sábio ex-motorista.

2.M.D

Percorre cada célula...

A raiva que revela que é preciso lutar bravamente e resistir

Nunca mais!

NUNCA MAIS! NUNCA MAIS!

Cada palavra saía rasgando a garganta como as facas da raiva que rasgavam o peito de Noêmia. Cada letra era pronunciada com a força do ronco ameaçador de um vulcão prestes a erupir!

NUNCA MAIS! NUNCA MAIS!

A garganta de Noêmia doía. Mas ela gritava cada vez mais alto, socando o ar com o punho fechado. As gotas que escorriam do seu rosto eram suor ou lágrimas?

Percorre cada célula...

NUNCA MAIS!

A cabeça dela latejava junto com a força dos gritos da multidão. Ela não ouvia a própria voz, mas o brado do gigante, rugindo e babando de raiva.

NUNCA MAIS!

Os homens de preto, de máscaras pretas, segurando escudos pretos, imóveis por fora, deixavam vislumbrar o terror por movimentos nervosos dos olhos. Noêmia, dentes arreganhados, olhos em chamas, gritava tão perto de um deles que gotículas de saliva respingavam no escudo.

NUNCA MAIS!

Noêmia falou devagar. Ficou com os dentes à mostra como um animal rosnando. Olhou profundamente nos olhos dançantes atrás da fresta do escudo. E cuspiu.

Percorre cada célula...

Direto nos olhos. O homem os fechou por reflexo.
Uma mão enluvada limpou. E tudo explodiu!

AAAAAAAAAAAAAAAAHHHHHHHHHHHH

Fumaça acre, estampidos, o ar sendo cortado pelo
zunido de um cassete voando pelo ar, a dor
vermelha estourando das costas para a cabeça, os
olhos em fogo, o pulmão explodindo. E então,
silêncio...

O cheiro de sangue era ferruginoso. A fumaça ainda
estava no ar. Gente caída. Gente sentada atordoada,
sangrando. Gente andando devagar. Gente olhando
o vazio. As lágrimas desciam pelo rosto de Noêmia,
agora junto com sangue. (... mas, nunca, nunca
mais)!

Os olhos de Noêmia estavam fitando o vazio agora. E
um fio de memória lembrou o porquê.

Percorre cada célula...

...

O cheiro de comida tinha deixado Noêmia com fome. Ela correu os metros que faltavam para chegar ao portão, que bateu atrás dela. Ela se encolheu esperando o grito de repreensão da mãe, que não veio. Ela deu de ombros e correu para dentro.

Mãe!

Nada. Noêmia buscou com olhos que tentavam se adaptar ao repentino escuro da casa, depois da luz do meio-dia lá de fora.

Mãe?

Na cadeira, com uma colher de pau numa mão e o telefone na outra, estava D. Neacy.

Percorre cada célula...

Mãe??

Ela virou os olhos. E, só então, ela chorou. Noêmia soube. Seu pai. Gaspar. Ativista político, defensor dos direitos dos trabalhadores, professor. O enterro foi de caixão fechado. Noêmia tinha acabado de entrar na universidade. A mão da ditadura militar finalmente tinha pesado na casa dos Martins.

...

- Quando?

- Sexta.

- Onde vai ser Aloísio???

-Na frente do MEC. Depois da morte do Edson as coisas estão muito feias! Seu pai acabou de morrer...

- Meu pai não morreu, Aloísio, foi assassinado!! E tudo foi ocultado!!! Eu vou! (A voz de Noêmia parecia gelo na espinha de Aloísio... a raiva dela deixou um gosto estranho na boca dele)

- É uma passeata pacífica... (Foi tudo que Aloísio pôde pensar em dizer)

Percorre cada célula...

Edson, o estudante assassinado, tinha posto pólvora no barril. A UNE, união nacional dos estudantes, estava fazendo um bafafá. A luta contra a ditadura era vital. Mas agora, para Noêmia, era pessoal. Seu pai estava à frente dos movimentos, de dentro da universidade. Ele havia ensinado a ela que o poder emana do povo. E ela era o povo.

A morte de Gaspar tinha sido declarada como "acidental". Mas Noêmia sabia. Caixão fechado. NUNCA MAIS! Ditadura nunca mais!! A raiva era fria na boca do estômago. Ela ia fazer a parte que lhe cabia.

Dia 21 de junho de 1968 ficou conhecido como a "sexta-feira sangrenta". Os relatos oficiais declararam 3 mortos, mas foram 28. Centenas de feridos. Mais de mil estudantes presos. A luta de Noêmia teve fim às 22 horas e 53 minutos, no asfalto molhado da Avenida Rio Branco, no centro da então capital do país, cidade do Rio de Janeiro.

A ditadura, porém, prosseguiu até 1985, quando Tancredo Neves venceu as eleições (indiretas), deixando um saldo (oficial) de 434 mortos e desaparecidos, entre eles Noêmia e Gaspar Martins

Percorre cada célula...

(nomes alterados). Dona Neacy votou para presidente da República em 1989. No dia das eleições, ela levou uma foto de Gaspar e outra de Noêmia até a urna e colocou-as lá. Ela disse baixinho: "Descansem em paz".

7.D.I.M



Globalmente enfurecida

Não existe nada pior do que pessoas que vivem como rebanhos de bestas, tocadas, manipuladas, vivendo mecanicamente a mercê do “tocador de boiada”. Nada mais me incomoda nas pessoas que não gritam suas dores, não defendem seus direitos, se permitem acuar e recuam pelo medo da chibata moral que poderia afetar qualquer benefício na vida. A ira da revolucionária que habita em mim, limita-me, pois de outra forma, somente o cárcere ou a morte me calaria.

Vivemos isso no momento, onde apenas metade de uma boiada oprimida grita e esperneia por sede de liberdade. No entanto, afirmo que se a porcentagem fosse somente um pouco mais esclarecida, culta e corajosa, todos os medos seriam vencidos. De nada adianta somente um pássaro forçar as grades da gaiola, se todo bando se unir, quebra-se o cadeado psicológico e derrotam-se os medos. Minha ira vai para todos que carregam o poder de estrangular as almas pobres e ignorantes manipulando a fome do corpo em troca de um gentil aperto de mão sanguinárias.

Aos manipuladores, a ira supera o desprezo, mas aos manipulados que se calam, se expõem e se permitem tais miseráveis manobras, explodo em

Percorre cada célula...

revolta. A ira de fazer parte dessa massa que luta só me leva a crer que logo estaremos dados por vencidos e faremos parte da grande boiada sem vontade, que segue o curso da vida sem brigar pelo direito de vislumbrar melhores dias, correndo em busca do cocho mais próximo para alimentar o corpo seco sem se importar com a alma vazia e o grito morto na garganta. A ira por todos que se curvam ao medo e ao silêncio.

3.S.F

Seremos Resistência

Minha cabeça dói muito. E esse parece ser o menor dos meus problemas. Sei bem que cada um de nós enfrenta o seu próprio inferno pessoal nos dias atuais e que muitos sofrem bem mais que eu, mas por mais que use desse argumento para acalmar meu coração, a dor permanece e por vezes me falta o fôlego para seguir. Eu me sinto muito cansado e pareço ter andado durante milênios para chegar até aqui.

Cheguei à casa do meu grande amigo Thiago Souza um dia desses. Mesmo sabendo ser errado e mesmo colocando tudo a perder. Sem muita perspectiva de nada e bastante confuso, eu precisava de alguém pra conversar. Alguns anos atrás a gente prometeu se cercar dos nossos. Alimentar-se de poesia, boa música e muita conversa pra passar por tempos não muito animadores. Acontece que com a pandemia e a necessidade de isolamento social a gente deixou de cumprir com boa parte disso. A videochamada ali presente, um happy hour com cervejas e risadas, mas a distância de uma mão no ombro é um peso complicado de ignorar. Sentei em um sofá e ele em outro. Ele me trouxe uma cerveja do cerrado.

Achei divertido que ele decidiu decorar a sala da casa com uma foto do ex. A Vivi sendo parceira dele em tudo na vida, não ligou e até apoiou a iniciativa. No caso, a foto até era de mais de um ex.

Vários ex-presidentes. João Goulart estava lá presente. Dos livros de História para a parede da sala. E uma das fotos ainda colorida de um dos presidentes que hoje é bastante odiado por parte da população, o Lula. Eu fui perguntar o motivo e ele justificou dizendo que enquanto o presidente era atual, a foto permanecia colorida. Ele também queria ser negociante do seu jeito. Se alguns negam a forma da terra e a querem plana, ele quer que esse tempo não tenha chegado e que as coisas continuem num rumo ao menos um pouco animador. A gente falava de saudade. Da saudade do Mohamed França e da Jemima também.

A maioria de nós cresceu junto. Amizades de longa data sem tanto prazo de validade. E em outro dia menos desesperançou eu me sentava com o Jean e com o Rômulo pra tentar entender juntos o que se passou com cada um de nós durante a vida, o universo e tudo mais. É engraçado como todos nós viramos professores e como a gente se enxergava jovens nem tão burros assim. Rômulo sempre gosta de ressaltar que ninguém ali era ignorante. A gente sempre questionava tudo e todos e éramos críticos intensos do governo, por achar que se podia fazer mais e por acreditar que fechar os olhos pra algumas coisas não era o jeito correto de governar e hoje a gente ficaria feliz com a volta do mínimo nesse sentido. Ao menos o mínimo. Quando a gente tinha um livro, que geralmente era comprado em versões baratas e traduções ruins, a gente revezava a leitura

entre todos nós. Saía emprestando e discutindo um por um e era esse o nosso acesso à leitura na periferia de Brasília, Riacho Fundo 2. Tardou para uma biblioteca chegar por ali. Engana-se quem pensa que pelo fato de aqui ser Planalto, não tenha ali nenhum favelado.

Jean sempre gosta de destacar que a favela plana existe e disso viria a peculiaridade dos nossos exageros em algumas coisas. A gente chegava a passar por períodos de tanta ausência de tudo que hoje, ao menor sinal de conseguir algo que a gente nunca nem sonhou, a gente se entrega de vez. Desde as menores coisas, os menores detalhes, até o que de fato é grandioso. E me divirto demais quando ele encontra com alguém legal e joga algo na cara por necessidade. Ele diz que releva até algumas pessoas que votaram 17 e hoje acordaram mais pra vida, pois ninguém é perfeito. O problema é a estupidez em não se assumir errado. E a necessidade de se estar certo sempre é grande demais em algumas pessoas eu sempre me lembro do Fil quando falo nisso, pois é absurdo como ele se transformou em outra pessoa por meio de estudos e discussões.

Outro momento em que estava com os amigos Fagner e Joey, eu tinha chegado lá pra tocar violão e pedir dicas de música, mas a conversa já tinha desviado no primeiro momento para as idiotices que disparava dia após dia o novo presidente, idolatrado por tantos de nossos amigos e parentes.

Percorre cada célula...

Comentamos sobre quando um deles chegou a dizer que os indígenas no Brasil deveriam ter sido todos mortos. Ele disse que sabia que eles eram preguiçosos e por isso mereciam morrer. Eu imaginava Voltaire se arrependendo de tanta defesa da liberdade de expressão. Acho que não foi pra isso. Confundir liberdade de pensar com o direito de agredir é algo que me faz pensar que nossos caminhos foram errados enquanto humanidade. Era difícil pra nós cantar qualquer coisa depois de conversar sobre isso. Eu imaginava Hitler sorrindo. Ele com certeza concordaria com ideias assim.

Mas calma aí, Alexandre, você quer dizer que não tem amigos de infância com os quais ainda conversa e são de “Direita”? Calma lá, olha que eu ainda converso com o Felipe quase todo dia, mesmo ele mandando memes de direita no grupo pra me irritar. Primeiro a gente precisa analisar o contexto de nossas estradas. Agradecer aos poucos professores de qualidade que tivemos em nosso ensino público e gratuito e por nossas mães que iam pra fila de matrícula e brigavam por um transporte que demorou anos pra chegar.

Nossas conversas nas idas a pé para a escola talvez até tenham participação nisso. Fato é que a gente sabia que morava numa periferia. E é claro que sempre rolava aquele mínimo de consciência de classe, mesmo sem falar abertamente sobre nada disso, nem na escola e nem na rua. A ascensão social, mesmo que mínima, viria muito tempo depois,

com coisas até criticadas, pois membros da minha família dizem até hoje estar muito bem sem nenhuma esmola do governo. O Estado precisa ser mínimo, eles dizem.

Ah! Quer saber, cara? Eu precisava muito de uma esmola de conhecimento. Fiquei feliz da vida com uma bolsa pra estudar numa faculdade particular, já que não tinha condições de estudar na UnB, que ficava a uma distância absurda da minha periferia e tinha horários muito difíceis pra quem precisava trabalhar pra conseguir até mesmo uma passagem pra lá. O Blues é assim. E isso vinha de fatos bem anteriores em nossas vidas. Muita gente estava em situações muito piores do que as nossas. Meu amigo Thiago, “The Jar”, por causa de uma banda de Punk Rock pirulito de infância, tinha uma situação familiar tão fodida que passava tempos de casa em casa e a gente com o mínimo ia lutando para se manter. Tempos depois ele acabou assassinado junto de outro grande amigo nosso. Um dos elos do grupo. Porque na periferia a galera não morre pra gente ter história triste pra contar, a gente morre porque aqui é natural e fácil a todo o momento. O Blues é assim.

Meu amigo Jorge até hoje é correria, tramando em sinal e de palhaço e finalmente se sentindo livre. Mas foram tantos momentos tensos desde a nossa juventude até hoje, que a gente se encontrar na Lapa, no Rio de Janeiro, depois de todo um dia de trampo dele e eu curtindo as praias, é sim

pra olhar tempos atrás e se sentir vencedor. E sempre quando eu falo disso pra alguém, eles vêm me dizer que eu continuo pobre. Continuo sem nada e todos nós continuamos. Que o governo nunca ajudou a gente em nada e que por isso agora o Mito chegou pra mudar o país. E eu concordo. Mas só de sair da situação de vulnerabilidade extrema, cada um de nós tem pelo menos uma vida para comemorar. E, meu irmão, geralmente a vida é só o que a gente tem mesmo.

O pangeniano Fabrício, senhor das eras antigas e glaciais, talvez tivesse só isso. O nosso amigo mais apaixonado por RPG de todos e que era chamado de idoso mesmo sendo jovem, era também traficante de entorpecentes e mesmo assim a gente se encontrava pra jogar na casa dele, ouvir uma música e tocar violão. Até nas sessões de RPG, às vezes ele parava pra vender o seu produto e depois retornava como se nada tivesse acontecido. Quando a poeira baixava, ele sentava do nosso lado e pedia pra não cair nessa.

A galera que ele vendia não era amigo dele de verdade. Ele tinha noção que estava acabando com a vida de muito cliente, mas fazia isso como se a vida dele dependesse daquilo. E dependia. E ele entrou no vício junto. Hoje a gente até pensa que se ele não tivesse sido assassinado a facadas, a arma do crime seria a droga tranquilamente. Eu paro e fico pensando onde está o caderno com as músicas que a gente escreveu junto embaixo do mercado da 14.

Percorre cada célula...

Mas que droga que esse texto está num livro de Raiva? Será? Discurso de ódio? Essa é minha raiva de mim? Por não ter me esforçado de fato como diz a meritocracia? Do outro? Por votar em alguém de caráter duvidoso e inteligência claramente ausente? Talvez seja aquela raiva que mostra a necessidade de lutar bravamente e resistir? Eu penso que sim. A gente precisa seguir. Não consigo parar de pensar que a Roda Viva do Chico passou por aqui e acabou por atropelar a todos nós. Dia desses, eu sentei ao lado do Drummond e disse pra ele que meus amigos também estão taciturnos, mas, meu amigo, ninguém hoje nutre grandes esperanças. A tempestade hoje tem mais de 300 mil mortos contados e entre os não contados devem existir muitos também. Talvez um dia a gente saiba a proporção de tudo isso, mas eu não consigo parar de pensar que daria pra evitar. Daria pra salvar pelo menos mais alguém. E tudo valeria a pena se pelo menos mais um pudesse sobreviver. Só mais um.

8.A.B



O Raivante

— Mas você já experimentou sentir raiva dela?

Confesso que, até aquele momento, seguia disperso; tocava as mágoas como um vinil viciado, um lamento longínquo já bem acolhido na memória. A psicóloga seguia com suas perguntas e, às vezes, também se permitia divagar comigo, parecia uma conversa entre amigos, eu já não achava propósito naquilo. Foi então que ela me lançou aquelas palavras, e eu emergi do meu transe e lhe direcionei dois grandes olhos interrogativos.

— Perdão... Não entendi.

— Sentir raiva dela...

Eu não podia acreditar no que ouvia. Eu pensava que a raiva era o principal fator que havia me levado até aquele consultório. Era tudo sobre raiva e perdão. Tratava-se da raiva que eu sentia de mim, por haver começado uma cadeia de acontecimentos que levaram Leonora embora; da raiva que sentia por ela ter partido de forma tão repentina da minha vida e me deixado em um estado permanente de choque e vulnerabilidade; da raiva que eu sentia por seguir vivo e ver a vontade de todos, a vontade do mundo alheia à minha vontade

Percorre cada célula...

de cruzar os passos com os de Leonora e fazer com que ela voltasse, com que mudasse de ideia e dizer que eu a perdoaria, sob qualquer condição eu a perdoaria.

A confusão que se produzia em minha mente logo se convertia em raiva. Raiva não por Leonora, mas pela própria psicóloga que seguia límpida em sua cadeira, serena, aparentemente inconsciente do efeito explosivo de suas palavras.

— Então você sugere que, para aplacar toda a gama de sentimentos negativos que eu carrego comido desde o acontecido, eu deva sentir mais um sentimento negativo, isto é, a raiva? — Eu dizia e, sem perceber, subia o tom de voz e esticava o pescoço...

— Você a tem colocado em um pedestal, Sebastião. Isso faz com que você eleve a imagem dela a um nível quase que de divindade e, sobre tudo o que aconteceu, você tem se colocado em posição de vítima e de culpado, mas se esquece de que ela também tem sua parcela de culpa. Sim, estamos aqui falando de uma ruptura, mas como pode o peso de uma despedida recair somente sobre quem fica e não sobre quem vai? Você entende?

— Eu não posso, doutora, trocar um sentimento negativo por outro. Isso não me ajuda em

nada — como eu já me colocava de pé e já havia recolhido o casaco, consternado por dentro e decidido a não retornar, a psicóloga resolvera encerrar a consulta mais cedo e rabiscava algo no papel.

— Tudo bem... Você precisa escolher o que é melhor pra você, mas poderia tentar. Eu vou sugerir que a psiquiatra mude a sua medicação, pois não temos tido muito progresso até então, tudo bem?

Ela me estendeu o papel que eu deveria levar para a próxima consulta com a psiquiatra. O tomei de sua mão e me despedi de forma seca e segui em duras passadas.

Minha mente andava em turbilhões. Os remédios que vinha tomando até então me deixavam um pouco alheio ao sofrimento, mais calmo, por vezes sonolento, mas não aplacavam o trauma. É como se eles me colocassem como expectador da minha dor, mas ela ainda estava lá. Eu via tudo como quem olhasse o acidente desde a janela do ônibus e dissesse: olha lá se não sou eu quem ali grita tendo pernas e braços rotos, fratura exposta.

Eu seguia anestesiado, como que num sonho, assistindo minhas ações e alheio ao mundo e seus acontecimentos. O mundo, por sua vez, se dividia em três momentos: a pré-história, o fato e o não-tempo.

A pré-história dizia respeito a tudo o que vinha antes de Leonora. Eu não havia sido de todo feliz nem de todo vazio, havia graça no mundo, mas faltava um algo mais, faltava propósito na existência e alguém que acreditasse nos meus sonhos. Nesse tempo, o mundo seguia ainda em turbilhões, as notícias eram de novidades, de mudanças. Havia a faculdade, os clubes literários, os tantos filmes em cartaz e, a cada momento, uma nova convicção, uma nova filosofia de vida surgia desde uma universidade lá de São Paulo ou do alto de uma montanha, lá no Tibete.

A segunda parte da história é quando ela chegou. Leonora. O fato. Desde então tudo passou a fazer sentido. Eu já não era somente um louco cheio de sonhos e teorias. Eu a tinha, e ela acreditava nas minhas convicções e dizia com os olhos iluminados: “Caralho, essa porra faz todo o sentido!” Então nós ríamos e brindávamos. Eu dizia a ela que tudo no mundo possuía uma natureza trina, tudo se dividia em três partes. Era uma numerologia perfeita, a Santíssima Trindade, nós... Tudo! Mesmo que não fizesse sentido, era nossa teoria, uma dentre muitas, na verdade, mas fazia parte do mundo que criáramos só para nós e não carecíamos de que os outros concordassem conosco, bastávamos nós. Nesse

Percorre cada célula...

tempo, as coisas seguiam mais amenas, parecia que toda a gente tinha mais certeza de alguma coisa, seja lá qual fosse. Aos poucos as certezas se aglutinavam em dois grandes grupos, os de cá e os de lá, e os debates seguiam dinâmicos, mas as coisas já não eram como antes, já não contávamos com a ótica tibetana nem nos interessávamos pelas novidades trazidas pelos acadêmicos, seguíamos repetindo as antigas convicções e separando aquelas que estavam conosco daquelas que pertenciam a eles. De noite saímos todos para beber e dançar.

Então chegamos à terceira parte da história. O não-tempo. A despedida. Então Leonora se foi e, desde então, o tempo parou. Não posso dizer em que ano estou nem quantos anos tenho. O tempo se desfez. Estou num limbo onde o tempo se repete entre o trabalho, a terapia e minha casa. Estou sonhando ou desperto? Não sei. Vivo ou espectro? Tampouco posso precisar. O mundo também parece diferente. Já nós não saímos para beber e dançar, estamos fechados em nossas próprias tramas viciosas, em nossas casas. Já não há debate entre os de cá e os de lá, nós periodicamente nos saudamos, repetimos cada um nossas convicções, como hinos, nos despedimos e voltamos a nos recolher. Escrevemos notas, dançamos postos à

moldura de um retângulo iluminado, nos deitamos e dormimos. O dia se repete, sempre o mesmo: o dia depois de sua ida. O tempo se resume em espera. É como se Leonora esperasse no caminho virando a cada esquina, como se ela, a qualquer momento, viesse tocar a campainha ou fosse topar comigo atravessando a faixa de pedestre. Todos os lugares já não são lugares, são impressões. São cenários assombrados pelo seu fantasma.

Então cheguei a casa e me afundei no sofá. Retirei as botas e fiquei um tempo olhando para o teto. Não importava quantas vezes o sol se levantava e se punha, eu despertava e era ainda um dia depois da despedida, e ressoava a esperança morta de, por acaso, encontrá-la por aí. Decidira não tomar mais os remédios, iria esperar que o efeito virtual da calma se desfizesse. Estava decidido a não voltar ao consultório da psicóloga, mas voltaria à psiquiatra para tentar uma nova medicação. Aos poucos, as emoções, que antes eu somente via pela janela, passavam pela porta, uma a uma. Eu tentava ligar para ela. Não vinha resposta do lado de lá. Eu tentava falar aos céus. Não vinha resposta do lado de lá. Eu tentava dormir e despertava para o pesadelo. Ela não estava lá. Sonhava com ela. Acordava gritando.

Percorre cada célula...

Quebrei a mesa de centro. Quebrei o nariz. Rompi os quadros. Desfiz os cristais. O dia amanheceu. Adormeci como quem esquecesse.

Leonora...

— Eu não posso continuar aqui, Sebastião — dizia ela.

— Ora, meu amor, do que você está falando?

Ela emudecia. Não dizia mais nada. Sumia às vezes dois dias. Voltava como que nada, me abraçava tão forte que me fazia perdoar sua ausência e então se deitava e dormia doze horas. Estava infeliz, repetia sempre que não podia continuar ali, que algo não estava certo, que não tinha certeza de nada.

Diziam que ela havia se cansado, que agora estava com aqueles do lado de lá, mas eu sei que ela jamais faria isso. Eu sabia que ela jamais esteve de nenhum lado. Ela queria, talvez, ser livre. Eu não queria pensar nem falar sobre ela, queria esquecer, mas minha mente só sabia que ela já não estava, nada mais era certo além desse fato. Nem o tempo era.

— Eu estou grávida.

Não havia felicidade em seus olhos, em vez disso, havia morbidade e olheiras por debaixo. As reações em mim foram de felicidade e, ao mesmo

tempo, medo. Ela disse também que não queria a criança. Eu gritei com ela, disse coisas horríveis, rompi louças e fiz ameaças estúpidas, disse que se ela fizesse aquilo, poderia me esquecer. Ela se decidiu por fazer as duas coisas.

Ela sumiu num dia qualquer. Simplesmente saiu de casa e não voltou mais. Eu liguei para todo mundo, ninguém sabia. Quem sabia, fazia que não, logo eu ligava para o mesmo número e nada. Buscava outras pessoas, ia a tantos endereços até que a vi, passeando ao lado de uma amiga num parque ao qual um dia fomos. Paralisei. É certo que eu a via em todos os momentos, em todos os lugares, mas se tratava de uma projeção da minha cabeça, uma mistura entre lembranças e sonhos. Na ocasião eu já nem estava procurando. Então a vi ali, fantasmagórica. Eu confundia se via de fato ou se projetava. Fiquei um tempo ali, engasgado com o próprio coração. Então ela passou por mim, me viu, fez que não. Eu tomei seu braço, gaguejei algumas palavras, tremia, suava frio. Ela me respondeu como se nunca tivéssemos uma história, como se nunca houvesse acreditado na teoria dos três. Então perguntei a ela se éramos três ainda, se a criança havia nascido. Ela disse que não. Eu perguntei por quê, mas ela não disse. Despediu-se sem abraço e

seguuiu. E fiquei. As pessoas do parque fechavam o caminho que ela abria desde mim até não sei onde. Então não a vi mais.

Foi quando comecei com a terapia. Precisava entender, esquecer, precisava superar e, sobretudo, perdoar, perdoar a mim por tê-la assustado com meus acessos de fúria, perdoá-la por ter partido, por ter tirado a criança. E de fato eu já não me importava, queria dizer a ela que não importava, que não precisávamos ser três, então que fôssemos dois, eu e ela. Era só isso que eu queria. Mas ela já não estava. Eu precisava de me manter calmo.

Mas então, enquanto eu fazia um esforço tremendo para exercitar o perdão e o estado de calma, me surge a psicóloga sugerindo raiva. A mesma raiva que a levava de mim. A mesma raiva que eu sentia pelo mundo. A mesma raiva que eu aprendera a bloquear. Eu sentia raiva, sobretudo, de mim. Raiva de um dia ter sentido raiva. Raiva da minha raiva destrutiva.

Voltei à psiquiatra com a carta da psicóloga.

— Vamos então trocar sua medicação e você não vai mais tomar os seus calmantes. Vou te receitar um raivante, ok?

Algo era suspeito no pano de fundo do cenário da normalidade. Eu não podia crer, parecia

piada para mim. Ora mais, um raivante? Tomei a receita e saí à rua sem certeza de nada. Estava sonhando, era certo que estava. Passei a prestar atenção no cenário ao redor. Todos seguiam suas vidas em aparente calma, mas algo não estava normal. Por quanto tempo eu havia estado absorto em minha própria angústia que não percebera o mundo ao meu redor? Sim, algo havia mudado a pesar da suspeita de normalidade. Há quantas andava a política? E a economia, as artes e tudo mais? Quem estava no poder, os que estavam conosco ou os que do lado de lá estavam? Eu não sabia. Simplesmente havia me fechado dentro de mim e o mundo seguiu seu curso monótono já sem o meu olhar atento. Voltei a casa.

Um raivante. Ora mais! Onde já se viu? Eu precisava de outro psiquiatra urgente. Meti a receita no bolso da jaqueta, tomei alguns comprimidos e adormeci. Sem sonhos. O sol me gritou da janela e de novo, uma dor de cabeça, sensação de náusea e então me lembrei, a realidade me veio desabar contra o peito, pressionando-o a ponto de provocar permanente dor física e mal estar. Leonor não estava.

Saí ao passeio público a fim de esquecer, olhar as aves e inventar qualquer história

perpendicular à minha, que me distraísse de mim. Consegui. Estava absorto pelo canto das aves e já quase era eu um passarinho. Podia voar no meu entender. Não sentia fome nem sabia que horas eram, a sensação do tempo somente se produzia pelo queda da luz do dia, e já então eu não era ave, pois escurecia e as aves se haviam recolhido e Leonora já não estava.

Incomodado pela pressão que outra vez se produzia em meu peito, resolvi buscar esquecimento na farmácia, mas chegando lá, a curiosidade foi maior. Pus a mão no bolso da jaqueta e lá estava a receita que desafiava não só minhas certezas, mas a sobriedade do mundo. Lá estava escrito com letras garranchadas: Raivante, 1 comprimido por dia, pela manhã. Não pode ser. Entreguei a receita ao moço do balcão que a leu, se demorando numa cara de interrogação.

— Rapaz... Onde foi que você conseguiu essa receita?

— Por que a pergunta? Vocês têm ou não têm esse medicamento?

— Bom... Não temos. Tínhamos, mas ele foi proibido já tem um tempo.

— Proibido? Como assim? Por quê?

— Sim, foi proibido. Cuidado, não deixa que vejam você com essa receita, cara. Por isso que eu até te perguntei onde foi que você conseguiu isso. Esse remédio foi proibido já bem no início do novo governo, que tinha uma proposta mais pacifista e apontou esse medicamento como um dos principais culpados pelas revoltas que ocorreram nos primeiros anos. As ondas de histeria coletiva. Depois que esse medicamento foi tirado das prateleiras, os casos de revolta coletiva foram diminuindo, as pessoas se tornaram mais pacíficas. Eles até conseguiram substituir o medicamento por um placebo, mas depois já nem era mais necessário.

— Eles? Quem exatamente?

— Vem cá, onde você esteve esse tempo todo, cara? Em coma? — o farmacêutico deu uma risadinha e continuou — Eles, os militares...

— Espera... Você não disse que esse governo era pacifista? Como assim os militares?

— Sim, os militares assumiram as rédeas pouco tempo depois, mas foi melhor assim. Antes disso aqui era um caos. Todo mundo sabe disso. Há todo momento, pipocava uma revolta aqui, uma histeria coletiva ali... Quando o exército assumiu, deteve os causadores da desordem, proibiu o uso de qualquer tipo de raivante, e agora tudo está em

ordem. Vez ou outra, pipoca um grupo isolado protestando contra a paz, mas sem muito alarde, logo eles são detidos, levados à prisão ou condenados à pena de morte.

— Pena de morte?

— Sim. Cadeira elétrica. Cortam o mal pela raiz. É preciso que estejamos atentos, nunca se sabe quando teremos novamente uma epidemia de raiva.

— Meu deus... Mas enfim... Esse remédio era receitado por algum motivo. O que estão receitando agora no lugar dele?

— Sim, ele precisou ser substituído por causa dos efeitos colaterais, mas a maioria dos medicamentos substitutos não surtia muito efeito, então em vez de receitar vários medicamentos com possíveis efeitos adversos, foi desenvolvido um procedimento definitivo que resolvia, de uma vez, uma série de distúrbios. Algo inovador.

— E que procedimento é esse?

— Lobotomia.

— Tudo bem, pra mim já chega, você só pode estar brincando comigo, eu vou nessa.

— Espera... Vem cá... Escuta... Eu não tenho esse medicamento aqui, mas sei onde você pode conseguir.

— Ah, é? Onde então?

Percorre cada célula...

— Bom... Eu não recomendo muito você ir até lá e você precisa ter muito cuidado, pode arrumar um problemão. Enfim, aqui você não vai encontrar, nem tente. Você precisa subir o morro. Aqui a ordem e a normalidade já estão instauradas, lá nem tanto, por isso que não recomendo. Aquilo ainda é um caos, tem gente de toda espécie. Quando surge um sujeito meio sem jeito por aqui, ele acaba, cedo ou tarde, indo lá pros lados periféricos, e ninguém mais tem notícia.

— Bom, obrigado, de toda forma.

— Disponha.

Algo não estava certo. Eu somente queria esquecer, queria voltar à normalidade, mas era impossível. Tentei voltar à clínica onde tinha consultas com a psicóloga e com a psiquiatra, mas soube que havia fechado. Eu já não conseguia dormir e minha cabeça nunca havia estado mais confusa. O morro era longe demais dali, onde eu nunca havia adentrado. Parecia o fim do mundo. A cidade era até bela, se estendia em suas palmeiras, edifícios, estátuas, condomínios e pavimentos uniformes e ia até onde a vista dava, depois disse havia o morro e não sei mais o quê pro lado de lá. O que tem lá? Eu precisava saber.

O morro era triste. Ao contrário da paz aparente que se alargava por toda a cidade, lá se ouvia um choro, uma mãe segurava a camiseta do filho, um uniforme de escola, e chorava. O sangue derramado sobre o pano furado e ela gritava, protestava. Os militares sempre espreitavam. Logo um deles se aproximou e a levou.

Um ar pesado pairava sobre o lugar. As pessoas seguiam caladas. Não sabia como nem onde conseguiria o medicamento e sentia medo, pensava cometer um erro, mas simplesmente não conseguia voltar pelo mesmo caminho. A sensação era de que havia adentrado a outro mundo ou dimensão distinta. A cidade logo se perdeu de vista e a noite rapidamente sobreveio. Alguém saiu de uma das vielas e me puxou.

— O que você tá fazendo? Tá doido? Não ouviu o toque de recolher?

— Toque de recolher? E desde quando tem isso aqui?

— Aqui? Você não é daqui, né? Tu é lá do asfalto? — sussurrava uma moça jovem, negra e redonda. Bonita.

— É... Sim. Eu sou — sussurrei.

— E o que você veio fazer aqui? Caçar confusão?

— Não, não... Eu vim procurar um medicamento.

Ela cerrou os olhos e me olhou bem séria. Então ficamos em silêncio um tempo. Onde eu estava? Ela havia me jogado para dentro de um barracão escuro, não se podia ver muita coisa. Ouvi um suspiro ao fundo. Quando minha visão se acostumou ao breu, vi que éramos observados por três cabecinhas curiosas e assustadas.

— São seus filhos?

— São sim.

— Por que me trouxe pra cá? Pra sua casa. Você nem sabe quem eu sou, se sou perigoso. Você tem três crianças aqui.

— Não... Eu vi que você não era perigoso. Perigosos aqui só os militares. Você não é um deles. Eu te puxei por instinto, pra salvar sua vida. Esses caras atiram e na maioria das vezes a gente nem saber o porquê. Tô cansada disso.

— Meu deus...

— Mas me diz aí... Que medicamento é esse que você veio buscar? Está doente? Não é contagioso, né?

— Não, não... Pode ficar tranquila. Eu vim atrás de um raivante...

— É o quê? — Ela perguntou segurando o riso.

— É, um raivante. Sabe onde encontro?

— Moço, isso você encontra fácil por aqui. Mas você quer pra quê? Não tem cara de quem usa isso.

— Não, nunca tomei, minha médica me receitou recentemente, mas me disseram que só posso encontrar aqui.

— Não mentiram. Jesus... Eu nem sabia que ainda tinha médico que tivesse essa coragem. Bom... Eu posso te vender, mas você não pode dizer onde conseguiu.

— Esse encontro nunca aconteceu.

Ela desapareceu entre as cortinas gastas de um cômodo mais escuro ainda e retornou com o medicamento. Paguei a ela e o abri. Uns comprimidos bem miudinhos. Fui à bula. Indicado para casos de passividade aguda, admoestação capciosa, conformidade, inação... Atua na amígdala cerebral e no sistema nervoso central... Contraindicado em casos de ansiedade, alcoolismo, hipertensão... Não consumir junto a bebidas alcoólicas, mas pode se permitir a um brinde moderado... Uso oral... As reações adversas mais comuns são inquietação, desejo permanente por

mudança, ânsia pela fuga, excitação, aceleração dos batimentos cardíacos... Composto por adrenalina... Cortisol, etc.

— Ainda bem que você apareceu. Eu estava precisando desse dinheiro. Obrigada. Você vai ter de passar a noite aqui, então juízo. E presta atenção, isso aqui não é brincadeira. Por menos você seria fuzilado. Estamos em guerra, por mais que não pareça. Sorte sua que eu te trouxe pra cá. O meu nome é Estela. E o seu?

— Sebastião. Agora me diz, Estela, esse medicamento não é perigoso? Quer dizer, a raiva em si é perigosa, é destrutiva.

— A raiva é uma força que sim, pode ser destrutiva, mas tudo depende de como você administra essa “energia”. Ela nos mantém alerta, ativa os mecanismos de proteção e auxilia na tomada de decisões. Você deve saber exatamente quando agir. Muitas pessoas pensam que a raiva é um sentimento negativo, que deve ser bloqueado, mas isso é errado, se ele existe, serve pra alguma coisa. Então se você bloqueia isso, não aprende a lidar com a raiva, não a libera e fica tudo acumulado dentro de você, isso é que faz mal. Você precisa se permitir sentir a raiva, a deixar drenar os sentimentos negativos até saber o que fazer com ela. Você

Percorre cada célula...

aprende com ela. É tudo o que agente precisa aqui. Eles queriam que a gente permanecesse em transe, sem chance de agir, mas aí a gente descobriu o raivante.

— E eles não suspeitam de nada?

— Não, a gente finge ainda estar em transe, mas age nas escondidas. E você? Pra que exatamente precisa desse remédio?

Contei a ela sobre Leonora e ela tentou em vão conter o riso. Estela me contou um pouco sobre como funcionava o esquema do medicamento e um pouco mais sobre como eles o usavam para permanecer “despertos”, resistindo à opressão. Ao amanhecer, fiz uso do raivante e Estele quis me apresentar a algumas pessoas e me mostrou a situação daquele lugar, pessoas que precisavam de ajuda. Havia algo velado, um movimento acontecendo por debaixo dos panos, fora da suspeita dos militares. Falava-se em códigos, surgiam símbolos, danças, canções, dialetos, tudo insuspeitável aos olhos atentos e opressores dos militares.

Retornava periodicamente, até que decidi ficar. Meu antigo lar já não me acolhia. A atmosfera do bairro por onde antes andava tinha algo de inebriante, me causava dores de cabeça e as

peessoas ao redor me olhavam torto. Aquele não era mais o meu lugar. Eu subia ao morro para despertar. Ao mesmo passo que a dor e o sofrimento ao redor aumentavam mais e mais a minha raiva calada, havia algo que me ligava àquele lugar, àquele povo, um amor que crescia, nos compadecíamos pela dor do outro e nos tornávamos ainda mais fortes, partilhávamos do mesmo sentimento, da mesma raiva, cada vez mais forte.

O tempo voltou a correr. A lembrança de Leonora ainda doía, vinha por pontadas, mas agora era diferente. Agora eu tinha algum propósito, então podia seguir em frente a pesar da dor. Por onde ela andaria agora? Como nossos caminhos se tornaram tão diferentes? O que seria de nossa criança? Teria sido uma garotinha ou um menino? Eu pensava, me permitia chorar, me permitia drenar as emoções, sentir raiva, sentir amor, seguir em frente. Eu segui.

Passavam os anos, as coisas mudavam, tudo tomava corpo e forma, minha barba crescia, as visões se clareavam, eu tomava ciência do ano em que estávamos e Leonora... Era uma doce lembrança com tons amargos ao fim.

Tudo crescia, sobretudo a raiva, mas ela não era só minha. Era a nossa raiva, o nosso propósito, nossa identidade, nosso desejo, nosso amor e nosso

pesar. Não nos dividíamos entre os de cá e os de lá, éramos a intercessão, os periféricos, a resistência, o que não cabia na equação. Aos poucos subíamos ao asfalto, à capital do país, aos jornais. Estávamos lá, ainda que discretos. Ergueu-se uma bandeira que fazia menção àqueles furos feitos no uniforme da criança, aqueles infames furos que feriam o meu corpo, o nosso corpo. A bandeira tinha a figura de um cão com três cabeças que representavam o processo da nossa raiva. A raiva que eu sentia de mim, a raiva que eu sentia do outro e, por fim, a raiva coletiva. Mais e mais alvos se levantavam até que se tornasse impossível derrubar todos eles. Você pode mirar em um, dois alvos... Silenciar uns cinquenta de uma só vez, mas nos tornamos milhares. O tempo seguia seu curso novamente. Tínhamos até data marcada.

O dia amanheceu límpido, o sol irradiava uma calma luz alaranjada. Nada perturbava a paz dos abastados que de nada suspeitavam. Era a data marcada. Os alto-falantes das ruas zuniram, a voz da suposta liderança da nação se anunciou. A televisão transmitia seu pronunciamento e as pessoas ouviam em paz e devoção. Cantava-se o hino à paz e à normalidade. Exaltava-se a lobotomia e a cadeira elétrica como grandes avanços. Erguiam-se

bandeiras ostentando cruzeiros, era feita uma oração. Deus acima de todos. Era a data marcada.

Anunciava-se a construção de uma cerca, um muro. A ordem era mantida, as crianças ainda recebiam balas na saída da escola. Algumas recebiam balas doces. Outras recebiam balas mais amargas. Eram balas diferentes. Eram crianças diferentes. Eram cores diferentes. Outra bandeira se ergueu, anunciando uma nova era. Uma nova cruz se mostrou, inclinada, com arestas. Braços se erguiam e saudavam a normalidade. Alguns prédios da cidade (bibliotecas, acervos, museus) acendiam em chamas, e era anunciada a nova arte nacional. Ao fim do pronunciamento, houve um apagão.

Ouviram-se vozes e ritmos vindos da multidão. Houve ainda uma tentativa de repressão, mas em vão, éramos muitos. Uns diziam que nosso cantar ofendia a nova arte nacional, protestavam, mas logo suas vozes eram abafadas pelo nosso rugido. Havia fumaça e luzes se acendiam em nosso meio. Era a data marcada. Os militares tinham medo. Sons de tambores. Seguíamos lentos, crescíamos aos poucos. Éramos luzes, fumaças e muitas vozes. Um novo canto se projetava, reclamando o sangue derramado.

O que me lembro é de ter visto um carro avançar, tomando a frente de todos. Silêncio. Uma fumaça escarlata bailava ao redor, um anúncio projetado num alto-falante informava aos desavisados e às autoridades do que acontecia. O vidro de trás se abria e uma bandeira se projetava para fora. À base da bandeira lá estava ela. Seus olhos encontraram os meus no meio de toda a gente e de toda a fumaça. Sorriu para mim. Meu coração se desmontou. Ao seu lado, um par de pequenos olhos também me observava. Lá estava o meu guri.

9.D.C



A raiva: um cão de três cabeças

Nem tão simples e automático assim é despir-me de mim e olhar os ressentimentos e impulsos violentos que ora são o que habito, e outras realmente o que sou. É como querer falar com Deus, é como me jogar de livre arbítrio ao chão e depois tocar as feridas abertas com os dedos, é como pular de um carro em movimento, é como ver a janela do oitavo andar e premeditar a queda _ e nem sequer ter coragem.

É um passeio ao submundo mergulhar tão fundo assim em mim, nos cantos mais abissais de minha alma, onde as trevas comandam o fluxo do que vive e do que precisa morrer. E então eu vou até os mitos mais antigos do mundo velho e lembro-me da saga de Inana ao inferno, ela foi onde quis ir, mas quanto mais descia, um pedaço de si ia perdendo, chegou sem roupas, nem joias, nem poder, nem brilho, chegou nua em pelo ao fim do mundo como ao mundo chegou, é preciso um desnudamento muito franco pra acessar o obscuro que se leva dentro.

Ainda não satisfeita e um pouco enojada de tanta bagunça e sujeira eu penso também no grande

Percorre cada célula...

guardião das portas infernais, o cão Cérbero, suas três cabeças furiosas e sua fome insaciável, seu faro pro medo.

A cabeça do meio remete a raiva que todos sentimos, talvez por já sermos recebidos no mundo dos que respiram com tapas antes de beijos, talvez porque nenhum ensaio sobre respirar com os próprios pulmões será de fato um preparo para o momento em que o ar, qual tempestade nos invade e respirar não é mais uma opção, mas uma necessidade, involuntária e vital.

A cabeça da direita é a raiva de todas as frustrações, das falências, desistências, das perdas, dos fracassos, dos empecilhos, dos furtos, assaltos, das crueldades alheias, das expectativas íntimas tão perversas quando os ardis do restante do mundo.

A cabeça da esquerda é a raiva de si, da auto sabotagem, da auto piedade, do vitimismo covarde e da indisposição, a raiva que deprime, que amargura, que endurece, que envaidece, mas depois abona a própria sorte de si.

Sem as três cabeças o mundo inferior estaria desprotegido, e se o mundo dos mortos se fundisse ao dos vivos, em algum momento o fluxo do que é e

Percorre cada célula...

do que já foi perderia o seu sentido de ser para sempre.

Penso comigo que assim também é com a gente, eu preciso me arrepender e me odiar pra me amar novamente, careço de rebeldia e revolta com o que é errado, injusto, ruim pra fazer diferente, e tenho as raivas nomeadas porque nem todas as sensações são nobres, e para estas, a diferença está no como e quanto alimento, e no como me polio e silencio.

Eu sei só de algumas das muitas crueldades de que sou capaz, bem sei do que está perdido e já não retorna mais e só eu sei o quanto já me feriu o outro, me humilhou, me irritou, me fez o absurdo, e o mesmo mundo que me encanta é aquele que me enoja, cheio de corrupção, de maldade e de discórdia. O mundo é mais parecido comigo do que sou capaz de imaginar, e pra desejar pra mim, pro outro e pro mundo com sinceridade a paz, eu declaro guerras e bons e maus combates todos os dias, a vitória acontece quando as armas vão ao chão e os braços vão ao encontro uns dos outros.

34.A.S.B

“Quando eu perder a capacidade de indignar-me ante a hipocrisia e as injustiças deste mundo, enterre-me ,por certo, que já estou morto”. - Augusto Branco

Dois contextos interligados pelo protesto ao direito de escolha (Inspirado no poema “Cântico Negro” do autor português José Régio)

Pessoas, pássaros e gaiolas

Não, não me prendam em gaiolas!

Pessoas, assim como pássaros, necessitam voar, necessitam sentir o vento, mudar de rumo, mudar de prumo.

Parar em fios estreitos, e contemplar as amarguras, ou deleites de seus feitos. Necessitam galantear e se deixar galantear pela vida, e suas ternas ousadias. Pássaros assim como as pessoas necessitam descobrir a cada voo seus motivos pra sonhar, pra se reinventar, pra sentir o sabor da brisa que as espera ao voar. Demarcar os sonhos que se querem sonhar, escolher o ninho que querem habitar.

Percorre cada célula...

Não, não e não vou por esse lugar!

Irei por aqui, irei por ali, irei por aí também, se acaso, me fizer bem.

Irei por onde minhas asas me levarem. Irei feri-las, de vez em quando, ou muitas vezes, mas ainda sim,, estará tudo bem também.

As minhas asas irão cicatrizar, a cada tombo ou a cada novo voo que me lançar, e nem vou perceber as asas sangrarem. Sentirei dor, algumas vezes, mas reerguerei mais uma vez, e outra vez.

Ainda, sim, não me privem meu direito de escolha, o direito de voar!

Gaiolas foram feitas para se trancar vidas, privar o direito da ida e da vinda.

Qualquer canto perde o brilho quando se priva o direito de escolha, e mesmo, de certo mesmo, que se abram as gaiolas já não saberão voar, nem que caminho traçar, e tão pouco que destino alcançar.

Será então necessário, reaprender a voar.

Inspirado em histórias reais de mães solteiras como eu...

Mães solteiras, mais que guerreiras, verdadeiras

Somos estrangeiras numa sociedade marcada pelo conservadorismo e por uma cegueira social. Não nos conformamos com o abandono, abuso e controle de ninguém. Superamos-nos a cada dia. Somos cria dos lamentos da vida. No entanto, não seguimos lamentando , seguimos lutando.

Olham-nos de lado, nos tentam fazer acreditar que não se importam com nossas escolhas de enfrentar a vida sozinha. Ou muitas vezes , somos jogadas na vida sozinhas com nossas crias.Somos abandonadas a ver navio. E somos ainda sim, julgadas. Por continuar remando, e não abandonar o barco.

Somos apontadas por gerar seres para o mundo, sem a estabilidade de um pai, de um marido, que simplesmente não faz o que deveria ser feito, amar e cuidar de seus filhos e/ou filhas acima de qualquer discórdia em um relacionamento.

Percorre cada célula...

Somos condenadas, para muitos devemos estar caladas, sem ter voz. Para muitos devemos seguir vivendo como sombras, invisíveis. Apenas criando nossos filhos, filhas para não dar mais “problemas” ao mundo. E quando tudo dá certo na vida deles, o mérito não foi, necessariamente, nosso como mães solteiras. Mas se der errado, se algo sair do trilho. Ah, foi porque não fomos boas referências.

Muitas vezes escutamos sinceros elogios, que somos guerreiras, especiais, sim, existem muitas pessoas boas nesse mundo. Temos orgulho do que somos, do quanto nos tornamos fortes quando temos que enfrentar sozinhas o mundo com nossas crianças.

Necessitamos mesmo ser guerreiras? Gostaríamos apenas de ser mães, solteiras ou não, no entanto, mães.

Sendo, sim, verdadeiras mulheres que se apoderam do seu dever no mundo, de se doar da maneira mais profunda e com um amor incondicional. Mulheres que usufruem do seu direito de não renunciar aos seus muitos instintos de dizer sim ou não a circunstâncias que prometem ouro, mas acabam por gerar somente dor.

Sem o peso de ser sozinhas, sem ter que cumprir os dois papéis.

*Mães solteiras, mais que guerreiras, verdadeiras.
Sem o peso de ser sozinhas, sem ter que cumprir os dois papeis.*

15.S.R.P

Certa vez eu havia saído de uma loja carregando uma mercadoria de valor vultoso e frágil. Eu sabia que precisava ser cauteloso enquanto a transportava, mas posso dizer que seria uma tarefa fácil para mim, pois a prudência e o bom senso são o que me define.

Em determinado ponto me perdi nos meus pensamentos e percurso, acabei não sei de que forma adentrando numa rua misteriosa e atraente. Era realmente charmosa e peculiar, ela costuma ficar bem no coração da cidade, naquela esquina que ninguém presta atenção.

Eu seguia pela rua em compasso reduzido, pois queria apreciar o que meus olhos me proporcionava, desejava muito conhecer as pessoas que ali residiam.

Naquela rua, todas as casas à direita eram amarelas sem exceção e da mesma forma à esquerda todas eram rigorosamente na cor laranja. As casas amarelas divergiam muito pouco em relação à arquitetura empregada entre elas, assim como as casas alaranjadas que eram muito similares entre si. Contudo, quando se comparava as edificações da direita as da esquerda que estavam opostas na rua, era gritante a diferença entre elas. Cada grupo de imóveis possuía um atrativo peculiar que era notório, cada qual possuía um valor sociocultural intrínseco.

Não pensei duas vezes em repousar no acostamento para apreciar com fascínio aquele

ambiente e conhecer um pouco mais sobre as pessoas que ali viviam. Desliguei-me por um instante, e, antes que pudesse me espreguiçar, fui interpelado por alguém do outro lado da rua:

- Por que está parado aí?

- Oi? Respondi totalmente confuso e sem reação. Fiquei imaginando se era proibido visitar aquele local, embora não houvesse nenhuma sinalização que alertasse quanto a isso.

- Imagino que não seja daqui, né? Então trate de vir para o nosso lado e saia daí porque não é o melhor lado da rua para se posicionar. Aí se esconde muita sujeira.

- Tudo bem! E assim sem questionar me direcionei no sentido de quem me interpelava, desloquei-me cuidadosamente para não danificar a mercadoria que trazia comigo.

Foi então que outra voz rompeu abruptamente do lado da rua que eu estava outrora:

- Traidor! Por que trocou de lado?

- Como assim?

- Você escolheu o lado dos tiranos e intolerantes!

De repente me percebi no meio de uma confusão generalizada e sem sentido que nem sei como começou. E o que era um diálogo se tornou um aglomerado de pessoas que defendiam o lado da rua a que pertenciam, falavam palavras de ordem e se insultavam.

Em algum momento tentei intervir e chamá-los à razão, mas os dois grupos se voltaram contra mim. Sem nenhum motivo aparente me xingavam e me insultavam com argumentos esdrúxulos e sem nexos. Tentavam justificar suas ações em nome da justiça e da verdade incontestável “do somente eu estou correto no meu posicionamento”. Os ânimos estavam tão exaltados que as pessoas se apoderaram de pedras como arma.

Àquela altura eu me via como um refém indefeso no meio de um fogo cruzado, eu enxergava totalmente estarecido tantas pessoas que se combatiam e que me usavam como bode expiatório. A situação era tensa e eu me preocupava com o meu artefato que era frágil e que era protegida apenas por uma lona.

Os dois grupos esbravejavam que o outro lado era mal num propósito de exalar raiva e baderna. Não havia diálogo, somente, insultos e contendas.

Eu, em um último recurso, retirei a lona que encobria o suporte que acomodava dois imensos espelhos que refletiam os dois lados da rua. O espelho mostrou às pessoas do lado laranja que elas também se revestiam de ódio na mesma proporção que o outro lado. E do mesmo modo o espelho fez com o lado amarelo ao revelar a arruaça que se praticava.

Os dois grupos notaram seus reflexos demoníacos, entretanto, para minha surpresa e indignação eles tiveram a mesma reação, num breve

lapso de tempo em que não mais divergiam e em concordância momentânea sincronizada, arremessaram as pedras que carregavam consigo contra os sólidos e frágeis espelhos que se espatifaram em cacos.

Foi então que a trégua acabou e eles satisfeitos voltaram a enxergar o erro, a culpa e o ódio somente presente no outro lado.

Esses cidadãos ‘morais’ e ‘sociais’ não entendem que não existe somente um lado certo ou errado. Não percebem que os dois grupos perdem com essa disputa sem sentido. Preferem colocar a beleza do lugar em segundo plano frente à intolerância advinda tanto das pessoas da direita quanto da esquerda. Não faz o menor sentido reproduzir aquilo que mais se combate.

Eu saí dali esbravejando furioso diante da decepção que sentia pelo fato das pessoas revelarem o pior da natureza humana, em que só enxergam as falhas dos outros e totalmente cegas aos próprios defeitos.

- Pessoas tolas! Não aprenderam nada com os ensinamentos de Jesus, quanto ao episódio da mulher adúltera.

No final das contas, o que mais me irrita é esse cenário no qual as pessoas preferem pedras a espelhos.

O tiro disparado mata o corpo, mas a palavra “mal dita” estraçalha a alma. O corpo sangra e a alma chora.

6.J.A.M.S

A Raiva do Mundo... [Pausa para revisar o texto, até aqui escrito, pela 10ª vez] Pediram-me para escrever sobre a raiva, em forma de protesto. Como isso me consumiu, por dias, até achar o que seria mais oportuno escrever... A arte da escrita tem os quês de prazer quando ela nos invade e nos toma para si, fala ao nosso ouvido uma poesia cadenciada e nos faz dançar em uma sinfonia perfeita, com passos planejados e notas que se encontram na melodia pronta para a composição das palavras em consonância com a harmonia poética, mas também ela nos desafia e, às vezes, não nos dá nenhuma pista, quer que sejamos ousados e que criemos nossa própria composição poética – da melodia à harmonização das palavras. Há escritas que são muito intensas no processo de criação, essas nos deixam enfadados, mas não menos felizes ao encontrarmos o ápice da criação. Por várias vezes, levantei, tomei café ou água, deitei no meu sofá bege com almofadas em cores tom sobre tom, fui a outros espaços para buscar outras inspirações e, finalmente, tive a composição que queria.

A raiva brotou no texto e pode ser vista a olho nu, contemplada por mim, primeiramente, e agora pelo leitor que aqui encontro. A raiva do mundo

caminha pela mesma estrada das raivas anteriores. Se tenho raiva de mim por ser impotente e fraco diante dos meus medos e tenho raiva do outro na falta de empatia, também tenho raiva do mundo que conspira para esses desencontros e tudo o que se projeta para que o ser humano seja domesticado pela hipocrisia e falta de amor.

A história da humanidade talvez seja a culpada de tudo, e nós, seres humanos, vítimas do processo de involução cultural ou mesmo os vilões que cultivam o medo e os desenfreamentos na própria vida, na vida do outro e na história do mundo. PROTESTO contra o universo que conspira para a decadência do desenvolvimento humano!

10.J.J.L.S

E VOCÊ?

Percorre cada célula...

**TEM RAIVA
DE QUÊ?**

Percorre cada célula...

No claustro

E assim o mundo mais uma vez acaba pra mim. Vivo uma eterna desesperança comigo mesmo, onde nada funciona e nada se transforma em algo melhor. Há tempos que não sei o que é esse lado positivo da vida. Essa perfeita harmonia do ridículo me consome e, muitas vezes, permaneço no claustro da minha inconsistente inconsciência, vendo se nesse estado de completa imobilidade, consigo um pouco de paz e sossego, sem precisar me apegar a algo ou me importar com alguma coisa realmente relevante.

Nesses momentos, entro na internet e me acabo em ódio a cada esquina de um post e a cada link com mais algum matéria resumida em mais mortes, doenças, tragédias. Mais uma parte de mim morre ao ver essas coisas. É sufocante perceber que a essência de humanidade muitas vezes nem existe

Percorre cada célula...

mais nos humanos, e é por isso que muitos se perdem em seus próprios pensamentos com a ajuda do álcool, do cigarro... De algo que os faça sumir da realidade grotesca e fria, com a esperança de talvez nunca mais voltar.

E assim eu, tu, ele... Vivemos.

Prevaleço sobre a mortalidade que tangencia a maior parte do habitat natural, assim como qualquer outra pessoa, mas nesse caso, ela ronda e ronda, à espreita de algum errinho bobo, ou talvez à espera de algum momento de transgressão pessoal. Imperfeição é a minha característica mais forte, mas não sou digno de ter característica alguma, então fico nesse impasse paradoxal. Niilista, talvez. O verme, e carne que jaz sobre a febre do mundo, o terror da minha mente: eu, apenas eu faço o que faço. Não existe alguém mais nobre do que eu para acabar como eu

Percorre cada célula...

estou acabado. Mais uma vez, no claustro da minha mente, caio em desespero que grita sem ser ouvido, se debate sem chamar atenção e morrerá após mais um fim de mundo; começa, acaba, começa... infinitamente.

5.A.G.S

Onde estão os homens da televisão?

Eleitor

Agora com 21 anos, iria votar pela primeira vez. E dessa vez obrigatório. Havia conseguido fugir da última eleição presidencial devido ao seu aniversário, mas agora não tinha jeito, iria exercer a cidadania forçada, ao menos para ele que não via muito sentido em campanha eleitoral.

A regra é clara, você precisa escolher um presidente para odiar e culpar todos os problemas do país nos próximos quatro anos. Deputados e senadores são um aglomerado de malucos que ninguém dá a mínima, mas são os que mais incomodam. Fazem carreatas, soltam fogos e pegam nas mãos de todos pedindo voto. Teve um que comeu no restaurante comunitário, deixou o prato limpo; se fosse um cidadão comum, iria almoçar por ali todos os dias, mas esses caras só veem em época de eleição.

Ainda nos anos 2000, a internet não era rápida nem acessível em todas as casas, a tv aberta era o entretenimento ou emburrecimento gratuito. Durante as eleições havia o horário da propaganda eleitoral gratuita. Aquele cidadão, do começo do texto, sempre se perguntava se devia assistir ou não, se ligasse o rádio a ladainha era a mesma. Por fim, não tinha coragem para ler um livro. O jeito era ver aquele

Brasil que só existia na televisão. No fundo ele gostava da propaganda eleitoral, ali tinha um brasil diferente, imagens lindas, gente bonita de todos os cantos, promessas, música que emocionava, artista declarando apoio ao candidato que por fim falava encarando a câmera. Aquilo era muito bizarro, ele se sentia na obrigação de ouvir. A tv mentia, mas as imagens seduziam e sedavam aquele trabalhador que havia ficado 14 horas longe de casa. A sobra do almoço era o jantar, pra acompanhar, uma cerveja solitária do churrasco do final de semana. Tinha até uns candidatos engraçados, fantasiados, armados e até abraçado à família, algo imprescindível para qualquer concorrente ao pleito, mesmo que ele não tivesse uma.

Depois do dia da votação, ele se perguntava: Onde estão os homens da televisão?

Cabo eleitoral

Desempregado há um bom tempo, com a chegada das eleições, ele sempre conseguia um bico de cabo eleitoral. Deixava claro que era apartidário, que estava pelo dinheiro, mas sempre gostou dos candidatos que de fato tinham dinheiro e se vestiam bem, desta forma ele se imaginava um dia naquele lugar interpretando o mesmo papel. Vida de cabo eleitoral não é fácil, são 45 dias trabalhando sem parar. Para a campanha dar certo, o primeiro voto a virar tem que ser o da família do cabo eleitoral. Antes

Percorre cada célula...

dos jingles ensurdecer as ruas, antes do asfalto ficar coberto de panfletos, o coordenador sempre fazia uma reunião regada a comida e bebida falando das estratégias da campanha, do candidato e de sua índole. Por fim, o candidato sempre aparecia no final da reunião, pegava na mão de todos e fazia um discurso que no final não permitia que concluísse suas palavras sufocado pelos aplausos da plateia formada de cabos eleitorais.

Agora sim, eles estavam prontos, convenciam a família de modo rápido, depois os amigos e por fim a vizinhança, muito similar ao pessoal das igrejas pentecostais na rodoviária, cada voto conta. O cabo eleitoral brilhava os olhos ao falar de seu candidato, mentia dizendo que o viu crescer no bairro, que seus pais se conheciam e que os tempos eram outros, porque a política precisava de sangue novo, mesmo o candidato sendo filho e neto de político.

Bom mesmo era quando passava o comercial eleitoral e ele estava lá declarando seu apoio ao amigo, vizinho e profissional que o país merecia, mesmo nunca tendo convivido com aquele alienígena. Na tv as imagens brilhavam e uma parte da música tocava exaltando os números do candidato, no final ele sempre aparecia sorrindo com seu nome sendo assinado no vídeo.

O cabo eleitoral não entendia porque as pessoas relutavam em conhecer o seu candidato, talvez ele fosse progressista demais para os mais velhos ou conservador demais a juventude. Como o

povo pode ser tão burro em não querer ouvir as suas propostas?

Quando ele acordou na segunda depois de comemorar a vitória do seu candidato, viu que estava novamente desempregado, sem rumo e sem perspectiva de futuro, questionando aonde estaria nesse momento aquele homem eleito que ele viu passar na televisão.

Político

Não precisou se esforçar desde cedo, herdeiro de um curral político e com preguiça de trabalhar, confidenciou ao avô, um idealista, que tinha o sonho de lutar por seu país, queria ser político. O avô emocionado, o alertou sobre os sabores, mas sentiu uma chama lhe convidando para voltar aos anos dourados das diretas e demais movimentos políticos do qual participara. Ligou para velhos amigos em Brasília, escolheu um partido de centro, caso o neto não ganhasse tentaria uma vaga em algum penduricalho da patifaria pública. Mas antes da eleição ele precisava ser mais visto, começou a andar com o neto pela periferia dando brinquedo e tomando café frio nas humildes residências daquela cidade. Festas de igreja não perdeu nenhuma, com incentivo do avô, pegava no microfone usava o batido Salmo 91 e finalizava com: Deus abençoe esta nação.

Durante a campanha, ele andava meio entorpecido pelas ruas, as vezes por domínio das drogas ou por falta de domínio para falar com tanta gente. Beijou mais gente na campanha do que durante toda sua vida. Tomou água quente onde lhe ofereciam, queimou a língua com pastel na feira, botou pimenta em trocentas coisas salgadas que vendiam na rua. No final de todo dia, gravava um vídeo relatando por onde havia andado e o que prometia fazer naquele local se fosse eleito. Se empolgou com a campanha, começou a prometer coisas descabidas, passou o telefone para muita gente desconhecida, no meio do caminho, até engravidar uma eleitora ele conseguiu.

No dia primeiro de janeiro do ano seguinte, tomava posse no congresso com mais 500 companheiros, alguns famosos e alguns novatos como ele. No congresso, perdido, sem rumo, recebia sempre visitas, amigos de seu avô, pessoas que a família devia favores e dinheiro, afinal, a eleição tinha custado um preço. Devolver o dinheiro não era problema com tanto esquema disponível, o problema era se reeleger pra cumprir outros compromissos que havia feito, inclusive a pensão alimentícia.

Antes de dormir a base de calmante ele pensava: Era tão mais fácil na televisão!

12.T.M



As três Faces da Raiva

OUTRAS RAIVAS

Percorre cada célula...



A tez da raiva

Naquele dia saí de casa para ir à faculdade, cursava o terceiro semestre letivo do curso de pedagogia. Como eu tinha um salário ínfimo que mal dava para arcar com os gastos mensais, muitas vezes ia até a instituição na qual eu estudava a pé. Pelo caminho eu passava por um campo arborizado e quase desértico, eram aproximadamente três quilômetros da minha casa até o destino. Como de costume, cheguei à faculdade, estudei, fiz as atividades necessárias e peguei o caminho de volta para casa. Resolvi andar devagar, observando cada folha, grama e árvore pelo caminho.

Mas, inadvertidamente, aquela paz que me envolvia foi interrompida, e saí daquele estado contemplativo, isso aconteceu porque, como um vulto, vi repentinamente um jovem rapaz saindo de entre os arbustos, com aquela cena me assustei, mas continuei meu caminho, eu só queria chegar a casa e descansar. Andei alguns metros e vi outro jovem saindo de entre os arbustos. Naquela hora senti um frio na barriga e apreeci meus passos. Enquanto caminhava senti algo batendo forte na

minha cabeça, era uma pedra pontiaguda que caiu aos meus pés depois de me acertar. Com ela surgiu um filete de sangue descendo pela minha nuca.

Virei-me para ver quem havia jogado aquele objeto e vi os dois rapazes me fitando com um olhar sagaz e um sorriso sínico. Perguntei a eles porque estavam fazendo aquilo e eles disseram que não gostavam de mim e tinham raiva do meu jeito de andar, do meu jeito de vestir, do meu jeito de falar... Eu, sem entender o motivo de eles alimentarem todos aqueles sentimentos simplesmente pelo que eu era, disparei-me a correr, temendo sofrer qualquer outro tipo de violência.

Eles correram atrás de mim, jogando tudo o que encontravam pela frente em minha direção. No entanto, mais adiante estava um grupo de senhoras que perceberam o meu sufoco e uma delas, em um ato de fúria e piedade, acabou intervindo com um cabo de vassouras a qual ela empunhava previamente outrora a varrer a frente de sua casa.

Em subido eles pararam e correram de volta, enfiando-se entre as árvores.

Naquela hora desabei-me a chorar e as senhoras me consolaram, falando para eu ir a minha

Percorre cada célula...

casa descansar. Terno, agradei a gentileza de cada uma delas e fui.

Ao chegar, não quis que minha mãe visse minha roupa manchada de sangue e segui direto para o banheiro. Pensativo, sentei-me na privada branca com seu acento rachado nas laterais e com a cabeça baixa pus as mãos apoiando minha testa e naquela hora, num ímpeto, senti raiva de mim, do meu corpo, do meu jeito de andar e de quem eu era e desabei-me em um forte choro.

Passei alguns minutos naquela posição, pensando no que havia acontecido e em quem eu havia me tornado, não tinha mais orgulho de mim. Assim, desanimado, levantei-me vagarosamente e despi-me, jogando a roupa em um canto do cômodo enquanto minhas lágrimas não cessavam de brotar lavando o meu corpo. Abri o registro do chuveiro em água fria e com a esponja espumando, passei-a com força do lado mais áspero. Aquilo fazia minha pele doer, mas eu queria sentir aquela dor, pois eu queria me castigar, castigar aquele corpo que naquele momento me trazia dor e raiva. A sensação que eu tinha era que ao esfregar com força, eu me limpava e me livrava de uma parte de mim, pois naquele momento eu só queria deixar de existir, eu não queria

Percorre cada célula...

ser eu. Tinha vontade de não ter nascido. Aquela raiva de mim mesmo, a cada movimento que eu fazia, parece que só aumentava, tomando-me e transformando-me naquilo que nunca fui. Revesti-me dela, troquei a pele e agora estava coberto por essa cólera que alimentava minha alma.

Terminei o banho, com um olhar carrancudo uma pele enrugada e avermelhada, fui direto para o quarto e me deitei. A fúria que estava em mim, começou a arquitetar uma infinidade de coisas que prejudicariam tanto a mim, quanto a aqueles rapazes que despertaram esse sentimento na minha pessoa.

Adormeci e no dia seguinte ela acordou, não era mais eu, era ela. Outro rosto, outra pele, outro corpo. Fui envolvido por ela e não era mais possível enxergar a mim naquele corpo, agora se enxergava apenas o ódio cheio de apetite. Eu teria sido aniquilado, eu não existia mais... Daí em diante só existia ela. Não era eu depois disso e daquele dia em diante, era só ela, a raiva.

Docimar J.F
Acadêmico Cadeira Nº 25

Buscando o quê?

Busco o que muitos chamam de vida
De viver, respirar, o respirar que foi roubado pela
maldade imensurável de falsos messias
Buscando vida, me perco na busca
Penso, às vezes, que eu daria o meu lugar para
alguém que verdadeiramente tem sede por viver
Busco talvez respostas, até mesmo perguntas...
O que sinto ao viver não pode ser vida, como algo de
nome tão fantástico pode ser tão horrendo e
doloroso?
Busco algo, uma vontade, algo que sane essa raiva
Raiva que vem do reflexo do abismo para o qual olhei
A raiva da existência, o reflexo daquele que melhor
me conhece
Busco, talvez, descanso
Estou cansado dessa fúria que me invade
Talvez a busca seja a resposta e a dor consequência
Continuar buscando me trouxe até aqui.

Vinícius Moreira
Convidado Aveélico

- **Ok Google... defina odioso.**
- **Aqui está a definição de:**

Odioso /ô/ -

1. Adjetivo intransitivamente intransigente utilizado para seres intolerantes que deveriam silenciar-se quando a escolha do outro não corresponde com a expectativa limitada e baixa de vossa *excremecência*.
2. Adjetivo transitivamente direto àquele que suscita ódio travestido de pronunciamentos oficiais que envergonham uma nação em minutos; àquele que é indiferente a QUALQUER dor alheia (inclusive em situações extremas).
3. Adjetivo transitivo indiretamente indiferente, desrespeitoso. Criador de piadas *amorísticas* (sem humor) infantis que definem o nível intelectual daquele que as profere;
4. Adjetivo bitransitivo utilizado para indignar a população que enxerga além do próprio umbigo, enquanto excita o RESTO que quer impor seus pacatos modelos de vida (não o real, apenas aqueles *instagramáveis*) aos pares ímpares.

Percorre cada célula...

Sinônimos: Deplorável, Biroliro, Detestável, Bozonaro, Execrável, Bolsonazi, Repulsivo, Capironaro etc.

Maus exemplos:

"Olha, a economia estava indo bem... Esse vírus trouxe uma certa histeria."

"Não sou coveiro, tá?"

"E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre"

"Não estupro porque você não merece"

"O erro da ditadura foi torturar e não matar"

"Seria incapaz de amar um filho homossexual. Prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí."

"Mulher deve ganhar salário menor porque engravida."

A história serve para que não esqueçamos os erros e acertos da humanidade, bem como personalidades que foram fundamentais para chegarmos ao *hoje*. Portanto, os registros são de extrema importância, primeiro porque eles contarão às próximas gerações o que esse "excrementíssimo" senhor fez, ou deixou de fazer, para contribuir com a

morte de mais de 600k de brasileiros, através de um plano genocida pautado em ações de muito desprezo, irresponsabilidade e indiferença. Segundo porque o nível intelectual pífio dele e daqueles que seguem seu *berrante* não os permite acessar partes cerebrais utilizadas para decodificar signos linguísticos de pouca, ou quase nenhuma, complexidade. Haja visto a repulsa por livros/textos com muitas palavras.

Dessa forma, faz-se necessário ressignificar odioso para que a humanidade não esqueça a marca asquerosa dessa besta que tanto se parece com outra de origem alemã (bem chique, ele -sqn).

Luiz Lukas Copaseut
Acadêmico Cadeira Nº 17

PIROSE

Sinto raiva
de gente como eu
que não age como eu ajo
que não pensa como eu penso
que não caminha no meu passo

Sinto raiva
do reflexo no espelho
trincado, ampliado, distorcido,
do fragmento pontiagudo de mim
que não vejo na pseudoimagem imaculada do outro

Sinto raiva
das mentiras que conto
pra mim mesmo e pro mundo
quando repousa seus olhos sobre mim,
da falsa ideia que performo pro meu ego se divertir

Sinto raiva
este fogo de artifício
estourando vermelho no céu
a perturbar a impávida consciência:
pode iluminar e indicar o caminho certo pra ação

ou explodir na cara

Souza
Acadêmico Cadeira Nº 22

A Raiva me apagou
me deixou rubro
opaco, apagado
desmilinguido, acorrentado.
A Raiva não coube
não cabe
nem sabe se comportar.
Mal educada
volte para o seu lugar.

Paulo Henrique B. Coutinho
Acadêmico Cadeira Nº 24

Amante

Percorre cada célula...

Amante

Atrás de nosso mundo de cores, fotos e poses profundas existe uma cortina de sombras enraivecidas. Um mundo de silêncio, gritos e solidão. Essa dor intoxicante, excitante, perturbadora. Um lugar onde você se sente tonto, exausto. O canto da raiva que rasteja como um verme. Um gânglio a percorrer cada célula até se instalar pútrido no coração. Uma terra sombria que grita, esperneia e se apossa da matéria, refletindo no espelho uma imagem triste e decaída de quem você é. O mundo torna-se desconhecido, uma paisagem chocante. É fácil se deixar seduzir por ela. Uma amante com grilhões furiosos. Concentre-se nas correntes. Deixe a raiva lambar sua face. Expurgue o cancro que te assola. Deixe-a definhar aos poucos para, finalmente, poder reunir os frangalhos do que restou.

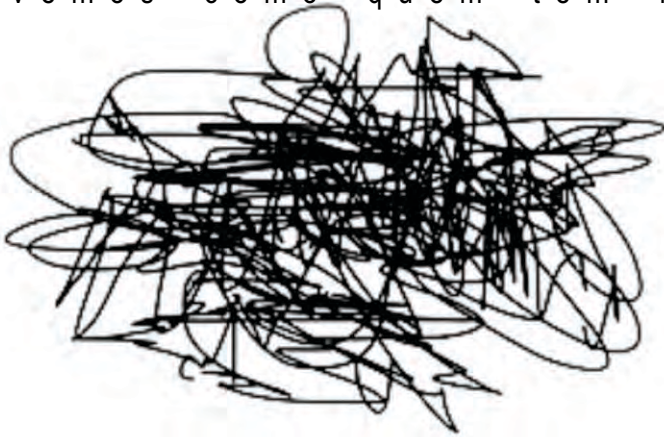
Daniel L. Costa
Acadêmico Cadeira Nº 31

Percorre cada célula...

SOBRE OS AUTORES

Percorre cada célula...

A nossa poesia já brindou o **Banquete**.
Fez várias **Confissões** em tom de intimidade com você, leitor.
Adentramos caminhos **Obscurus**, ao som das doze badaladas.
Voltamos com muita sede sob **As Três Faces da Raiva**.
Nos encontramos por aí, em meio a alguma **Memória e Identidade Social**..
E s c r e v e m o s c o m o q u e m t e m f o m e .
E temos!



Percorre cada célula...



Dry Neres (D. N.L) - Acadêmica ocupante da cadeira n° 1, representando o peso existencial de Clarice Lispector. Presidente da Academia Valparaíense de Letras. Licenciada em Letras, Pedagogia e Filosofia. Especialista em Gramática, Produção de textos, Literatura e Linguística. Mestrando em Educação, Gestão e Tecnologias pela UEG. Escreve como quem tem fome. E tem.



Michel Duarte (M. D) - Acadêmico ocupante da cadeira nº2, representando o realismo fantástico de José J. Veiga. Pedagogo e Técnico de Enfermagem. Vice-presidente da Academia Valparaesense de Letras. É palestrante, gestor de projetos sociais e culturais, mediador e incentivador voluntário da leitura em Brasília e na RIDE.



Simone Fernandes (S.F) - Acadêmica ocupante da cadeira nº3, representando o lírico Jorge Amado. Aos 58 anos, é natural do estado do Rio de Janeiro, cidade litorânea de Macaé. Tornou-se escritora em 2009, quando lançou sua primeira obra: *O segredo da Imortalidade*, dando sequência a mais cinco obras publicadas. Amante da educação, praticante do Espiritismo, vê na escrita a oportunidade de orientar, amparar e acolher a todos os que se aventuram nesse mágico universo das palavras, o sagrado mundo, onde tocamos as almas em sua totalidade.



Alex Gomes (A.G.S) - Acadêmico ocupante da cadeira nº 5, representando os neologismos de Guimarães Rosa. Professor de Gramática, Literatura e Inglês, é também contista, poeta, inspirado e fascinado pela Literatura Brasileira. Seus contos delineiam temas obscuros até a um amor não correspondido. Os poemas, na maioria, contam com forte traço social e brincam com o linguajar popular e a quebra com o conformismo.



Airton Memória (J.A.M.S) - Acadêmico ocupante da cadeira nº 6, representando a força de Aluísio Azevedo. Nascido em 29 de março de 1984, na cidade de Pedroll – PI, mudou-se para o entorno de Brasília em 1990. É servidor público efetivo do Governo do Distrito Federal desde 2011. Formado em Letras com especialização em Gramática, publicou seu primeiro livro, *Enredo infracional*, em 2013; lançou sua segunda obra, *Os mistérios de C@ris*, em 2016, além da participação na publicação de uma antologia, de concurso literário de poesia.



Débora Iglesias (D.I.M) – Acadêmica ocupante da cadeira nº 7, representando o icônico Manuel Bandeira. Formada em Letras–Português e Inglês e pós-graduada em Docência do Ensino Superior. Exerce a profissão de professora desde 1993. Escritora, poetisa e artista desde sempre. Publicou sua primeira obra, *Galdor, o retorno da magia*, um romance de fantasia, em 2018, pela Amazon.com. Em 2019, lançou o conto infantil *O Pinheirinho*, já como membro da AVL. A literatura sempre foi sua paixão e ser escritora, seu objetivo de vida.



Alexandre Bernardo (A.B) – Acadêmico ocupante da cadeira nº 8, representando o enigmático Machado de Assis. Licenciado em Letras Português-Literatura, História e Música, Especialista em Docência do Ensino Superior, Literatura Brasileira, Estudos Literários e Filosofia. Autor dos livros *Universos paralelos*, *Anjo reverso* e *Meu livro de xadrez* (Editora Enovus). Trabalha com xadrez desde 2010 e atualmente ministra aulas na área, atua na Federação Brasiliense de Xadrez, organiza o Aberto Marista de Xadrez e é árbitro e treinador de campeões brasilienses Sub08, Sub10 e Sub12 e de um campeão brasileiro Sub12.

Percorre cada célula...



Daniel Canhoto (D.C) –Acadêmico ocupante da cadeira nº 9, representando o ilustre João da Cruz e Sousa. É licenciado em Letras Português/Inglês e atua como professor de Língua Espanhola. Escreve, no geral, poemas e, sob o heterônimo de Mário Guanumbi, contos. Um trabalho literário um pouco "introspectivo", com foco nos pequenos detalhes, no micro: uma taça de vinho vazia, uma bituca de cigarro... Mas o que marca sua escrita, sobretudo, é a ausência. Autor do livro de poesias *Ausência* e, sob o heterônimo de Mário Guanumbi, do livro de contos *Onírica*, com as ilustrações do autor. Possui alguns textos publicados pela revista digital Sotaques.



Jhean Lima (J.J.L.S) – Acadêmico ocupante da cadeira nº10, representando o emblemático Mario Quintana. Admira a arte da poesia e vive a constante busca de desvendar o segredo das palavras na sua propriedade incondicional de significâncias. Assim, aproximando-as da emoção dos homens, traduzindo-as em versos, sonhos e sentimentos. Professor, Revisor de Texto, Cerimonialista, Produtor de Eventos Pedagógicos e Culturais, Ator da Cia de Teatro Fernando Fernandes, tendo estreado, em março de 2018, a peça *Romeu & Julieta* no Rio de Janeiro. Lançou, em 2019, a obra *Eu poemo, tu poetizas* com poemas sobre poesias de essência.



Sissa Santos (A.S.B) – Acadêmica ocupante da cadeira nº 34, representando a inspiradora Rachel de Queiroz. Aos 21 anos teve seu primeiro livro publicado, o *Por dizer, pra fiicar*, em parceria com a Academia de Letras do Noroeste de Minas, reunindo crônicas e contos de seu período como colaboradora do Jornal Dinâmico Paracatuzinho, onde manteve, por três anos, uma coluna semanal de crônicas intitulada: Crônicas da Sissa. Hoje, professora de Educação Musical para crianças com necessidades especiais, entusiasta da musicalização para a primeira infância e professora de canto, Sissa vive não apenas de arte, mas para a arte.



Solange Ribeiro dos Passos (S.R.P) - Acadêmica ocupante da Cadeira N° 15, representando a Patronesse Cecília Meireles. Formada em Pedagogia, Pós-Graduada em Arteterapia e Educadora Popular. Contadora de histórias e declamadora por natureza. Apaixonada pelo universo infantil, pelo encantamento dos livros, das palavras, fomenta a leitura e a escrita por onde passa. Escreve para contemplar tudo ao seu redor, com simplicidade e delicadeza, deixando suas escritas voarem com leveza, no intuito que o vento as leve e as espalhe pelo caminho que for.



Thiago Maroca (T.M) - Acadêmico ocupante da Cadeira N° 12, representando o Patrono Rubem Braga. Professor, produtor cultural e voluntário no movimento escoteiro. Escrevo sobre tudo que me faz sentir, seja música, cinema ou as crônicas sobre o cotidiano.



César Ferreira (C.F) - Acadêmico ocupante da Cadeira N° 23, representando o Patrono Ariano Suassuna. Professor, Fotógrafo, Ator e Diretor de Teatro. Estudou e estuda Letras, Produção Audiovisual, Fotografia e Teatro e escreve em seu blog pessoal há 12 anos. Já morou na Índia, trabalhou com Televisão e Cinema e atualmente é Mestrando em Ensino de Artes pela Universidade de Brasília. É Professor em Valparaíso de Goiás na Escola Municipal Nelson Mandela, onde também dirige a Trupe Madiba de Arte e Cultura, grupo de Teatro formado por alunos da instituição.



Docimar JF - Acadêmico ocupante da cadeira n° 25, representando Mário de Andrade. Professor, contador de histórias, escritor e cooperário da causa animal e ambiental. É Licenciado em Letras e Pedagogia. Especialista em Língua Portuguesa e Neuropsicopedagogia com Educação Especial e Inclusiva. É um visionário e reconhece na educação a solução para boa parte das mazelas humanas. Enxerga no universo literário e na leitura o passaporte para a fantasia e a imaginação criativa, na qual é possível estar onde quiser e quando quiser, transformando mentes e sociedades.



Vinícius Moreira – Julgo minha relação com os livros tardia, ainda hoje estou aprendendo a apreciar a leitura. Sou admirador de inúmeras formas da arte e aos 20 anos me encontro perdido na imensidão da existência. Receber um convite como este é como receber voz. Por muito tempo esperei, e, hoje, a arte veio me buscar.



Luiz Lukas Copaseut - Acadêmico ocupante da cadeira nº 17, representando João Cabral de Melo Neto. Nascido em Ouricuri, PE. É ator associado ao Sated/GO com DRT número 3105 e compõe o núcleo de atores da Cia Semente de Teatro, Gama - DF, desde 2008. Licenciado em Letras e especialista em gramática e produção de texto, é servidor do quadro efetivo da Secretaria Municipal de Educação de Valparaíso de Goiás.



Souza - Acadêmico ocupante da cadeira nº 22, representando Manoel de Barros. Souza é o apelido-sobrenome artístico de Lucas Guimarães Cabral de Souza, brasiliense que, acima de tudo, acredita no amor. Entende que, atravessadas por esse horizonte, as pessoas podem ser quem de fato são. Sem performar, sem máscaras: apenas sendo, cada uma em sua completa leveza e profunda inteireza. E vivendo – sendo –, Souza busca se personificar cada vez mais no amor, esse sentimento abstrato tão ação-concreta. De resto, é biólogo de formação, professor de yoga e poeta. São caminhos nos quais encontrou meios para conhecer ao mundo e a si mesmo e, assim, se expressar. Atuante no yoga e na poesia, compartilha do que estuda e acredita e busca facilitar o encontro das pessoas com elas mesmas, ainda que apenas por um instante. Às vezes é o suficiente.



Paulo Henrique B. Coutinho - Acadêmico ocupante da cadeira nº 24, representando Érico Veríssimo. Iniciei meus primeiros escritos com uns 14 anos. Depois publiquei “Nas Sombras de Brasília” questionando os motivos da falta de reconhecimento dos escritores do Entorno. Anos depois lancei “Silêncio”, o poeta sonha onde reclamava do barulho do mundo apressado e da dificuldade de leitura que presenciava. Em 2022, mais uma publicação independente “Coisas Ditas - quando a poesia lê a sua fala”. Dessa vez, proponho que tudo seja escrito independente da qualidade, da métrica e das normas. Escrever e ler seriam a salvação da falta de educação. Sou graduado em afetos, quinhentos milhões de amigos. Escrevo do que você deixou escapular no olhar, na vergonha, na displicência. Escrevo como quem fala.

Percorre cada célula...



Daniel L. Costa - Acadêmico ocupante da cadeira nº 31, representando Augusto dos Anjos. Nasceu em Brasília, é formado em História e leciona na educação básica em Valparaíso de Goiás. Aficionado por literatura tem na escrita uma forma de exteriorizar seus demônios. Considera o gênero do horror uma importante fonte de inspiração. Suas influências principais são Clive Barker, Edgar Allan Poe, Gabriel García Márquez, Augusto dos Anjos, Lovecraft e Stephen King. Integrou a antologia “Dossiê Macabro: Táxi”, da editora Diário Macabro, com o conto “No Frio da Escuridão”.

Percorre cada célula...

